



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

BRUNA DE ALBUQUERQUE CORREIA

**COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O HIV/AIDS:
UM ESTUDO DISCURSIVO DAS NOTÍCIAS NO PORTAL TNH1**

Maceió

2020

BRUNA DE ALBUQUERQUE CORREIA

**COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O HIV/AIDS:
UM ESTUDO DISCURSIVO DAS NOTÍCIAS NO PORTAL TNH1**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Jornalismo do
Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes da Universidade
Federal de Alagoas como exigência
parcial para obtenção do título de
Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Dr. Antonio Francisco
Ribeiro de Freitas

Maceió
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C824c Correia, Bruna de Albuquerque.

Cobertura jornalística sobre o HIV/AIDS : um estudo discursivo das notícias no portal TNH1 / Bruna de Albuquerque Correia. – 2020.
70 f.

Orientador: Antonio Francisco Ribeiro de Freitas.

Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 64-66.

Anexo: f. 68-70.

1. Jornalismo. 2. AIDS (Doença) - Cobertura jornalística. 3. Análise de conteúdo (Comunicação). 4. Análise do discurso. 5. Fontes de informação. 6. Portais da web. I. Título.

CDU: 070:616.9

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNA DE ALBUQUERQUE CORREIA

COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O HIV/AIDS: UM ESTUDO DISCURSIVO DAS NOTÍCIAS NO PORTAL TNH1

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentando ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo, e aprovado em 11 de dezembro de 2020.

Orientador

Prof.º Dr. Antonio Francisco Ribeiro de Freitas

Banca examinadora

Prof^ª Magnolia Rejane Andrade dos Santos - Ufal

Prof.º Júlio Arantes Azevedo – Ufal

DEDICATÓRIA

A Deus por ter me dado forças e me guiado para alcançar mais esta etapa, aos amigos e aos meus pais, Anacel e Benedito, pelo apoio, compreensão e incentivo que deram em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

O ingresso no curso de Jornalismo ampliou meu olhar para área de Comunicação Social, por já ser formada em Relações Públicas, ainda não possuía essa visão jornalística. Agradeço aos professores que ao longo desses anos passaram seus conhecimentos.

Meu ambiente de trabalho foi o propulsor desta pesquisa, por trabalhar no Núcleo Hospitalar de Epidemiologia e ser responsável pela investigação de casos de HIV/aids despertou em mim o interesse de saber como a imprensa alagoana aborda o discurso do HIV/aids para a população. Apesar de ser uma pesquisa de apenas um ano de cobertura das notícias, demandou bastante dedicação e tempo. Agradeço ao meu orientador, pois suas aulas no início do período letivo, foram responsáveis também para que surgisse o desejo de realizar esta pesquisa.

Agradeço também aos amigos, meu namorado e familiares que permaneceram ao meu lado. Aos meus pais toda a minha gratidão pelo apoio e incentivo para conclusão deste curso. Na certeza que este é só mais um passo ao longo dos outros que darei, agradeço a todos que direta ou indiretamente cruzam meu caminho e me fizeram ser quem sou hoje.

E por último e mais importante agradeço a Deus, pois como sua filha Ele esteve sempre comigo ao longo desta jornada.

RESUMO

O jornalismo possui o poder de interferir diretamente na sociedade, pois através das notícias a população formará sua opinião e, conseqüentemente, reagirá diante dos fatos noticiados. As notícias influenciam na formação da opinião pública, por meio de estratégias linguísticas e de um discurso persuasivo, a população que consome as notícias creem na veracidade e imparcialidade dos textos jornalísticos. Além deste poder de interferir, o jornalismo possui em seu cerne o trabalho de produção de sentido, por isso, compreende-se que este discurso deve abranger uma pluralidade de vozes. Nesta pesquisa buscou-se analisar a cobertura sobre o HIV/aids no portal TNH1 no ano de 2018, utilizando conceitos da análise de conteúdo e da análise de discurso foi possível realizar um mapeamento dos temas; identificação das fontes de informação, verificando se foi tratada de forma equilibrada a pluralidade de vozes nas notícias analisadas, além de observar os movimentos de dominância e silenciamento das vozes. Foram analisadas 76 notícias, das quais verificou-se que apenas 17 possuíam foco na doença e sendo tratada, em sua maioria, como uma questão de políticas públicas. Observou-se que o domínio das fontes oficiais é algo que prevalece, sendo estas as mais consultadas para a produção das notícias. Ao realizar o cruzamento dos enunciadores nos textos, observou-se uma pluralidade de vozes, entretanto, a voz dos portadores de HIV ainda não possui tanta visibilidade nos textos jornalísticos, enfatizando assim, uma discrepância no equilíbrio das vozes.

Palavras-chave: Jornalismo. Cobertura sobre o HIV/aids. Análise de conteúdo. Análise de discurso. Mapeamento dos temas. Fontes de informação. Enunciadores.

ABSTRACT

Journalism has the power to directly interfere in society, because through the news the population will form their opinion and, consequently, will react to the facts reported. The news influences the formation of public opinion, through linguistic strategies and a persuasive discourse, the population that consumes the news believes in the veracity and impartiality of the journalistic texts. In addition to this power to interfere, journalism has at its core the work of producing meaning, so it is understood that this discourse must encompass a plurality of voices. In this research, we sought to analyze the coverage of HIV / aids on the TNH1 portal in 2018, using concepts from content analysis and discourse analysis it was possible to map the themes; identification of information sources, verifying whether the plurality of voices in the analyzed news was treated in a balanced way, in addition to observing the movements of dominance and silencing of voices. 76 news items were analyzed, of which it was found that only 17 had a focus on the disease and were mostly treated as a public policy issue. It was observed that the dominance of official sources is something that prevails, which are the most consulted for the production of news. When crossing the enunciators in the texts, a plurality of voices was observed, however, the voice of the HIV carriers still does not have as much visibility in the journalistic texts, thus emphasizing a discrepancy in the balance of the voices.

Keywords: Journalism. Coverage of HIV/aids. Content analysis. Discourse analysis. To map the themes. Information sources. Enunciators.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Casos de aids no Brasil por regiões	14
Gráfico 2 – Fontes dos textos com foco em HIV/aids	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Textos classificados por foco em HIV/aids	35
Tabela 2 - Tema das notícias sem foco em HIV/aids	42
Tabela 3 - Tema das notícias com foco em HIV/aids	44
Tabela 4 - Comparativo dos temas nas notícias com foco e sem foco em HIV/aids	45
Tabela 5 - Fontes das notícias com tema Políticas Públicas	46
Tabela 6 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Políticas Públicas	47
Tabela 7 - Tipo de discurso nos textos com tema Políticas Públicas	48
Tabela 8 - Fontes das notícias com tema Sociedade	49
Tabela 9 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Sociedade	49
Tabela 10 - Tipo de discurso nos textos com tema Sociedade	50
Tabela 11 - Fontes das notícias com tema Médico-Científico	51
Tabela 12 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Médico-Científico ...	52
Tabela 13 - Tipo de discurso nos textos com tema Médico-Científico	52
Tabela 14 - Fontes das notícias com tema Epidemia	53
Tabela 15 - Quantitativo dos Enunciadores nos textos com tema Epidemia	53
Tabela 16 - Tipo de discurso nos textos com tema Epidemia	54
Tabela 17 - Fontes das notícias com tema Ética	54
Tabela 18 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Ética	55
Tabela 19 - Tipo de discurso nos textos com tema Ética	55
Tabela 20 - Fontes dos textos com foco em HIV/aids	56
Tabela 21 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com foco em HIV/aids	58
Tabela 22 - Tipo de discurso nos textos com foco em HIV/aids	58
Tabela 23 - Comparativo dos meses do ano de 2018 das notícias com foco e notícias sem foco em HIV/aids	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HISTÓRIA DA AIDS	14
2.1 Aids na mídia	16
2.2 Aids e suas metáforas	18
3 O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	22
3.1 Processo de construção da notícia	22
3.2 Fontes de informação	24
3.3 Discurso Polifônico	27
4 MÉTODO DE ANÁLISE	34
4.1 Objeto	34
4.2 Corpus	34
4.3 Procedimentos metodológicos	35
5 TNH1 APRESENTA O HIV/AIDS AO PÚBLICO	40
5.1 Os temas	40
5.1.1 Textos sem foco em HIV/aids	40
5.1.2 Textos com foco em HIV/aids	43
5.1.3 Síntese	44
5.2 As fontes	45
5.2.1 Síntese	55
5.3 Adendo da análise	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	67

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo em si possui uma relação com um emaranhado de discursos que formará apenas um. Quando as pessoas leem uma notícia a princípio podem não se atentar para a composição dela. Entretanto, para ela chegar até o leitor foi necessário passar por diversas etapas. O discurso jornalístico deve retratar os mais diferentes pensamentos da sociedade, uma vez que possui sua natureza pública e o compromisso de informar de forma verídica os fatos. A aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) surgiu no início dos anos 1980 e foi considerada a maior epidemia do século XX. A priori, apontada como misteriosa e desconhecida, e sendo construída, ao longo dos anos, um corpo de conhecimentos e teorias.

A imprensa foi responsável pela divulgação dessa doença que foi sendo caracterizada com mitos e metáforas, fortalecidos por vozes atuantes nesse discurso, gerando preconceito e estigma contra seus pacientes. Logo, a aids foi criando seu próprio sentido e recebendo denominações como peste *gay*, câncer cor de rosa, e tendo a ciência, num primeiro momento, como responsável pela formação dessa imagem. A doença virou sinônimo de medo, vergonha e pecado. Antes mesmo de ser considerada uma doença mortal foi caracterizada como doença moral.

A descoberta dessa doença pela sociedade foi através jornais, ou seja, a construção do sentido da aids foi tecido ao longo dos anos, por meio de notícias nas quais relatavam descobertas científicas, testemunhos de quem convive com a doença, relatórios médicos, entre outros. E até hoje não foi descoberta uma cura.

O jornalismo é o lugar para acompanhar essa narrativa, imagem e símbolos que a própria aids foi construindo para si por meio dos discursos, estabelecendo-a como uma construção discursiva, na qual os meios de comunicação foram seu palco. Para isso, é necessário considerar o jornalismo como uma produção na linguagem, a partir da qual uma estrutura narrativa organiza os jornais. A construção da aids foi tecida por várias vozes, entretanto, articulada pelos dispositivos jornalísticos, nos quais o discurso jornalístico se firma como instância de produção do espaço público.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se propõe a realizar uma análise da cobertura jornalística sobre o HIV/aids para compreender as notícias para além dos seus significados imediatos. Foi utilizado o portal *online* local Tudo na Hora 1 (TNH1), como indicador do tipo de debate e sinalizador do tipo de informação que circula sobre este

tema. O objeto empírico foi coletado no período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2018.

A pertinência desta análise justifica-se pelo lugar de destaque que tem hoje a expansão do vírus HIV não só em Alagoas, mas no Brasil e no mundo. No ano de 2018, foram notificados no Sinan (Sistema Informação de Agravos de Notificação), 790 casos de infecção pelo HIV em Alagoas. Por meio de alguns procedimentos de análise foi possível verificar os mecanismos de construção do discurso e a sua produção de sentido. Segundo Antônio Fausto Neto, em seu livro *Comunicação e Mídia Impressa – Estudo sobre a aids*, o sentido não se “doa” mas é construído pelo trabalho das enunciações discursivas.

Além de ser considerada uma das instâncias de produção do real. Sabe-se do poder e da importância que a mídia tem de construir por intermédio do seu discurso conceitos e referências para o cotidiano, por meio da pluralidade de vozes contidas em seu discurso. Nesta análise temos um conjunto de discursos estruturados nas mais diversas vozes que são incorporadas nas notícias. Diante deste cenário foi analisado, no período exposto acima, como o portal de notícias apresenta o HIV/aids para seus leitores, quais foram as vozes inseridas nesses discursos, as fontes consultadas, além do enunciado que essas vozes possibilitaram verificar a polifonia ou monofonia nas notícias.

Para se chegar a uma compreensão das formas de construção discursiva foram empregados mecanismos de análise de conteúdo e de análise de discurso que possibilitaram chegar ao resultado desejado. Bardin (2004) define a análise de conteúdo como,

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e conteúdos) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 2004, p.7).

O que possibilita por meio desta análise uma investigação objetiva, quantitativa e sistemática do conteúdo das matérias jornalísticas com a finalidade de interpretar e buscar pelo não dito aparente pela mensagem. A análise de discurso pertence ao campo da análise de conteúdo que nos coloca em estado de reflexão levando o leitor e o sujeito falante a gerar questionamentos sobre o que ouvem e o que produzem nas manifestações da linguagem presentes nos jornais.

A análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer (ORLANDI, 2007, p.15).

Analisar os mecanismos de construção dos discursos jornalísticos sobre o HIV/aids é importante para que possamos compreender a sua produção de sentido e significados por e para os sujeitos, no ano de 2018, através de técnicas de análise de conteúdo e de análise de discurso que foram aplicadas nas notícias do portal TNH1.

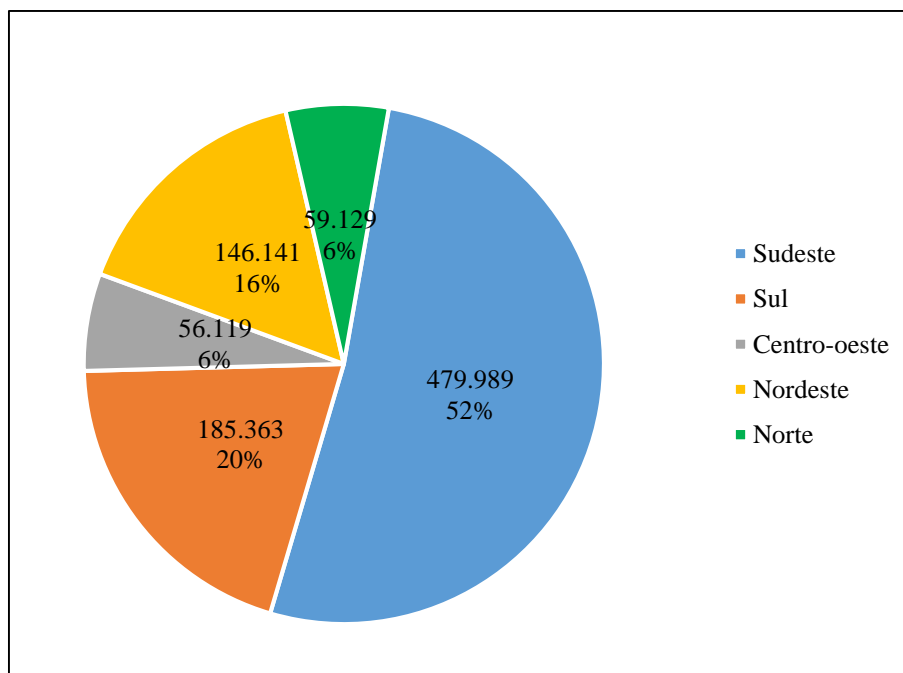
Para alcançar o objetivo desejado definimos alguns objetivos específicos:

- Identificar as fontes de informação que adquirem visibilidade nas matérias;
- Mapear as fontes, verificando os movimentos de dominância e silenciamento, analisando se o TNH1 trata de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre o tema da aids;
- Verificar o predomínio de fontes oficiais nas matérias sobre HIV/aids, a partir do mapeamento dos enunciadores;
- Debater a relação entre seleção de fontes e a qualidade da informação jornalística sobre HIV/aids;
- Identificar e mapear as categorias temáticas presentes nas matérias;
- Analisar os temas dominantes e aqueles menos predominantes nas matérias;
- Mapear as vozes atuantes no discurso jornalístico.

2 HISTÓRIA DA AIDS

O primeiro caso oficialmente diagnosticado da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids) foi em 1981, estima-se que 36,9 milhões de pessoas foram infectadas pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) no mundo, de acordo com o Relatório de 2017 do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids (Unaids). Segundo dados do Boletim Epidemiológico, no Brasil do ano de 1980 a 2018 foram cerca de 926.742 casos de aids detectados, dentre eles 606.936 homens e 319.682 mulheres. A faixa etária mais acometida é dos 30 aos 34 anos. A região com maior incidência de casos de aids é a Sudeste (479.989 casos), em segundo lugar a região Sul do Brasil (185.363), em seguida a região Nordeste (146.141), em quarto lugar a região Norte (59.129) e em último lugar a região Centro-Oeste (56.119).

Gráfico 1 – Casos de aids no Brasil por regiões



Fonte: Boletim Epidemiológico do ano de 1980 a 2018

Por volta de 1981 a aids foi reconhecida nos EUA quando foram identificados em Nova York e São Francisco um grande número de homens homossexuais com Sarcoma de Kaposi (tipo de câncer que causa úlceras na pele), pneumonia e sistema imunológico comprometido. A partir desses fatos, a sociedade se deparava com o surgimento de uma nova doença que ainda não havia sido classificada e de etiologia provavelmente

infecciosa e transmissível. No Brasil, o primeiro caso classificado como aids foi em 1982. Neste mesmo ano ela foi considerada a maior epidemia do século XX, levando ao óbito mais de 327 mil pessoas até o ano de 2017, dentre eles mais de 96 mil mulheres e 231 mil homens.

Em 1983, o agente etiológico foi identificado e isolado pelos pesquisadores Luc Montaigner, na França, e Robert Gallo, nos EUA. LAV e HTLV-II foram os nomes recebidos, respectivamente nos dois países. A rivalidade entre americanos e franceses na corrida para descobrir o vírus causador da doença e denominá-lo tomaram grandes proporções, tornando-se polêmico e introduzindo uma dimensão política numa disputa científica que se tornou franco-americana, podendo ser observada pelos jornais da época. O termo HIV para denominar o vírus foi recomendado por um Comitê Internacional em 1986 reconhecendo-o como capaz de infectar seres humanos. Apesar do vírus ter sido descoberto primeiro pelos franceses, foram os EUA que garantiram reserva do mercado para os produtos que pudessem surgir através do isolamento do vírus HIV.

O HIV é um retrovírus humano que tem capacidade de infectar linfócitos (células de defesa) através dos seus receptores CD4. Sendo assim, a pessoa fica vulnerável a doenças oportunistas (tuberculose, linfoma, sífilis, HPV, meningite criptocócica, entre outras) que podem levar a pessoa com aids à morte.

Há uma diferença entre ser portador do vírus HIV ou soropositivo e ter aids. A aids é a doença em si, as pessoas apresentam sintomas clínicos indicativos da falha do sistema imunológico, ou seja, o vírus HIV foi destruindo as células de defesa do organismo que então se tornaram incapazes de combater determinados agentes externos. O soropositivo é aquele que tem o vírus HIV no seu organismo, porém, ainda não desenvolveu nenhum sintoma ou não foi acometido por alguma doença oportunista podendo ou não vir a desenvolver a aids no futuro.

Engana-se quem pensa que o vírus só é transmitido por relação sexual, sem uso de preservativo. Apesar de esta ser a principal via de transmissão nomeada nas notificações dos casos, também representam um comportamento de risco o uso de seringa por mais de uma pessoa, principalmente, no uso de drogas injetáveis; instrumentos que furam ou cortam não esterilizados e através da mãe infectada para seu filho durante a gestação, no parto e na amamentação, chamada de transmissão vertical.

A aids não possui cura, porém existem diversas possibilidades de tratamento disponíveis pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas vivendo com HIV ou aids. Descobrir o diagnóstico precocemente possibilita iniciar o acompanhamento médico e

umentar as chances de se prevenir às doenças oportunistas, mantendo assim, uma boa qualidade de vida. O SUS oferece, gratuitamente, o teste rápido de HIV nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), Unidades de Pronto Atendimento (UPAS) e Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), em até 30 minutos, o resultado está liberado.

O desenvolvimento tecnológico tem proporcionado a descoberta de medicamentos que atuam de várias formas sobre o vírus HIV, os chamados antirretrovirais, que têm possibilitado uma melhor qualidade de vida para quem tem o vírus ou para quem já está com aids. É uma medicação de custo elevado que é fornecida gratuitamente pelo Ministério da Saúde para pessoas cadastradas no Programa de DST/Aids.

2.1 Aids na mídia

Com o surgimento da aids, sua irradiação rápida apresentando taxas elevadas de mortalidade e sua divulgação pelos meios de comunicação, criou-se um pânico e medo de contágio. A aids mostrou a proporção que uma doença pode tomar no “espaço público”, chegando a mobilizar, além dos médicos e pesquisadores, políticos e artistas. Aos poucos foi sendo construído um corpo de conhecimento e teorias a respeito dessa doença.

Por um lado, ela [aids] é um fenômeno de espaço público porque é nele que ela vai tomando um formato, assumindo contornos e repercussões, porque passa pelo corpo biológico dos sujeitos e também pelo corpo simbólico e cultural da sociedade. Assim, ela é ‘formatada’ num determinado contexto de produção de sentido do espaço público que são as mídias (FAUSTO NETO, 1999, p. 20).

Os jornais tornaram-se fundamentais nessa construção, pois foi por meio deles que a sociedade pode observar as descobertas e caminhos percorridos para de fato entender o que era essa doença, sua sintomatologia, transmissão, diagnóstico e tratamento. A imprensa, além do seu papel de exprimir as opiniões, ela é participante do debate. Logo, foram estabelecidos símbolos que permitiram comunicar sobre esta nova doença e assim decifrá-la.

Deve-se considerar como dos mais estratégicos o papel das mídias, não apenas pela sua competência de anunciabilidade e visibilidade da Aids, mas também, ao mesmo tempo, pelo fato de os processos de construção de inteligibilidade

sobre a Aids dependerem gradativamente das práticas das mídias e dos seus respectivos efeitos de sentido (FAUSTO NETO, 1999, p. 21).

A epidemia surgiu quando a medicina estava se apoiando em pressupostos biomédicos, e tornou-se evidente o papel que desempenhou a comunicação de massa na produção do real, fazendo com que a aids circulasse por vários grupos sociais.

Ela [aids] foi construída pelo saber científico em desenvolvimento, e quase simultaneamente, diante da opinião. Talvez nunca tenhamos assistido, quando surge um novo fenômeno, a tamanhas interferências e retroações tão evidentes entre o conhecimento científico e o conhecimento comum (HERZLICH; PIERRET, 1992, p. 8).

A construção do fenômeno social da aids foi sendo elaborado em vários planos: econômico, científico, além do moral e do cultural, fazendo referência às pessoas suscetíveis de serem atingidas pela doença. Tornando-se rapidamente o lugar central sobre a temática associada a aids. Antes os discursos possuíam uma dimensão mais voltada para o científico e econômico, posteriormente, adquiriram outras nuances que geraram mudanças radicais no modo de vida e nos valores do final do século XX, inclusive, no que diz respeito à liberdade sexual.

Em 27 de abril de 1982, Libération [jornal Francês] publica um artigo que se refere ao recente congresso da Associação dos Médicos Gays; o texto foi dedicado ao ‘estranho mal que ataca os homossexuais’. O debate foi difícil e o doutor Leibowitch, convidado para o congresso, ficou sob suspeição da assistência quando afirmou, a propósito das práticas homossexuais, que esse modo de vida era um sério ‘fator de risco’ deste caso exemplar de doença multifatorial moderna. O termo ‘fator de risco’, empregado pela primeira vez a propósito da Aids, aparece entre aspas. A partir de maio de 1983, em compensação, os grupos, indivíduos, pessoas, populações e categorias ‘de risco’ se banalizaram nos diversos jornais (HERZLICH; PIERRET, 1992, p. 20).

Após o conceito de “fator de risco”, surgiu o de “grupo de risco” quando outros segmentos sociais além dos homossexuais, também se infectaram com o vírus, os hemofílicos e os usuários de drogas. Esse conceito baseava-se em que estes seriam os únicos grupos a serem ameaçados pela doença e poderiam ameaçar outras pessoas que estivessem sadias. No entanto, durou alguns anos para que esse conceito caísse em

desuso, quando foi esclarecido que qualquer pessoa teria risco igual de se infectar, pois começaram a se confirmar outras possibilidades de transmissão do vírus HIV. Logo, passou-se a utilizar o termo “comportamento de risco” pois abrangeu todas as formas de transmissão do vírus.

Antes dessa nova revelação das pesquisas médico-científicas, o mundo testemunhou a censura, condenação, exclusão de segmentos sociais tidos como potenciais portadores e transmissores do vírus da Aids: homossexuais, usuários de drogas, hemofílicos, estrangeiros, africanos, moradores de países de terceiro mundo e até a figura do desconhecido. Perda de espaço na família e na sociedade, desemprego, recusa de atendimento em hospitais foram alguns dos muitos problemas enfrentados por aqueles que estavam com o HIV/AIDS ou eram ‘suspeitos’ por pertencerem a algum ‘grupo de risco’ (LIMA, 2000, p. 97).

Posteriormente aos conceitos de “fator de risco”, “grupo de risco” e “comportamento de risco” emergiu o conceito de vulnerabilidade, permitindo uma ampliação do foco de atenção para a sociedade no geral, e não apenas em certos grupos de pessoas. No entanto, isto não conseguiu provocar uma mudança nas representações associadas à doença.

Percebemos, nesse sentido, o termo vulnerabilidade como a suscetibilidade do sujeito a uma possibilidade de adoecimento, resultante de um conjunto de aspectos sociais, culturais, epidemiológicos, psicológicos e biológicos, recolocando o sujeito em sua relação com o coletivo. Estes aspectos devem ser analisados tanto objetivamente como subjetivamente, ou seja, devem ser levadas em consideração a dimensão simbólica, a construção de processos de identidade como subjetivamente, ou seja, devem ser levadas em consideração a dimensão simbólica, a construção de processos de identidade e as vulnerabilidades dos indivíduos (SOUSA; MIRANDA; FRANCO, 2011, p. 383).

A vulnerabilidade é estabelecida na relação com o outro, logo, adotando o termo vulnerabilidade é possível traduzir as complexidades dos aspectos individuais e coletivos no que tange à exposição ao vírus HIV e o adoecimento pelo aids.

2.2 Aids e suas metáforas

A aids foi submetida a diferentes nomeações metafóricas. A metáfora, segundo Aristóteles, “consiste em dar a uma coisa o nome de outra” (ARISTÓTELES apud SONTAG, 1989). A imoralidade foi associada à epidemia, ou seja, os comportamentos considerados transgressores acarretaram a vinculação da aids a várias metáforas.

Desde o surgimento da aids foram diagnosticados casos em hemofílicos, crianças, pessoas que se submeteram à transfusão de sangue, usuários de drogas injetáveis e mulheres, porém, nos primeiros anos da doença, não era considerada motivo de preocupação entre os heterossexuais, uma vez que os noticiários sobre contágio e transmissão entre os homossexuais receberam mais importância e havia poucos comentários sobre casos entre heterossexuais.

Sendo assim, a aids passou a ser nomeada pela mídia com base no discurso da ciência, como “peste gay”, “câncer cor de rosa”, “doença dos homossexuais”, “pneumonia dos homossexuais”, “câncer dos homossexuais”, “síndrome dos homossexuais” e “síndrome gay”, baseado no que considerava evidências porque havia uma associação da aids com a homossexualidade. “Mas isso não impede que haja algumas metáforas que seria bom evitar, ou tentar retirar de circulação” (SONTAG, 1989, p. 81).

Quando alguém atribuiu à aids o nome de ‘peste gay’ mobilizou subsídios culturais de uma sociedade que discrimina e até reprime e criminaliza a orientação sexual fora dos padrões ditos tradicionais e deve ter levado em conta um fato aparente naquele momento: a Aids só atingia homossexuais masculinos (LIMA, 2000, p. 100).

Os jornais ao anunciarem sobre a aids construíram a doença com enunciados de angústia, pânico, rejeições e interpretações punitivas. A aids passou a ser interpretada como um castigo divino reforçando a ideia de maldição, em virtude da postura moral das pessoas. Esses grupos de pessoas foram considerados os “culpados”, agentes que de alguma forma procuraram a doença, uma vez que possuíam comportamentos transgressores às normas morais estabelecidas. Com isso, a doença alcançou a categoria de metáfora, tornando-se objeto de construção de um sentido. Concomitantemente, travou-se um combate contra a doença, houve também um combate entre grupos e posições morais. A doença tornou-se um fato de sociedade, mobilizando cada vez mais pessoas.

Havia também um grupo considerado “vítimas” da aids, eram pessoas que representavam a ideia de passíveis e submissas ao infortúnio da epidemia, que foram condenadas à morte de forma arbitrária. Eram pessoas que respeitavam os padrões morais e culturais ou possuíam uma fragilidade física. Sendo assim, a sociedade via esse grupo com um olhar benevolente, como exemplo as pessoas que contraíram a doença devido a transfusões de sangue. Em decorrência desses dois grupos (culpados e vítimas), surgiu a

aids como uma “doença do outro”, considerando esse “outro” como distante social e moralmente dos padrões, sendo assim foi descartada a noção de proximidade da infecção, afastando o ato de comportamentos protetores.

A aids é uma doença,

que leva pessoas a serem consideradas doentes antes de adoecerem, que produz uma série aparentemente inumerável de doenças-sintomas; para a qual só há paliativos; e que leva muitos a uma espécie de morte social que precede a morte física... (SONTAG, 1989, p. 60).

Ela tornou-se um terreno abundante de metáforas políticas, religiosas, médicas, de estigmatização e de discriminação. Os discursos médicos e científicos reforçaram, no início da epidemia, a cristalização de crenças ocultas.

A cada novo caso descoberto, novos sentidos e expressões foram sendo construídos com enunciados de acordo com a realidade histórica, social e cultural. Além das metáforas citadas anteriormente, havia os seguintes enunciados: “sentença de morte”, “doença estranha”, “doença de desconhecidos”, “doença dos viciados em drogas”, “doença dos negros”, “mau africano”, “mau dos haitianos”, “mau do terceiro mundo”, “ameaça do terceiro mundo”, “consequência da promiscuidade sexual”, “punição pela perversão sexual”.

A aids além de atingir as camadas sociais em todo o mundo, ela foi enunciada de maneiras diferentes de acordo com fatores sociais, econômicos, religiosos, científicos, políticos, éticos, morais, geográficos, comerciais etc. Por meio das diferentes enunciações da aids pode-se perceber que criou-se uma história que simultaneamente construiu-se uma gama de discursos sobre ela. “A medida em que se vai construindo ou destruindo objetos na realidade social o homem realiza também atos de nomeação, apropriando-se de mecanismos linguístico-discursos, portanto também culturais, históricos e sociais” (LIMA, 2000, p. 98).

A aids por ser uma doença que produz sentimento de culpa, vergonha e preconceitos,

a tentativa de dissociá-la desses significados, dessas metáforas, é particularmente libertadora, até mesmo consoladora. Mas para afastar as metáforas, não basta abster-se delas. É necessário desmascará-las, criticá-las, atacá-las e desgastá-las (SONTAG, 1989, p. 87).

O adjetivo, *aidético*, usado nos primeiros anos de existência da *aids*, para denominar pessoas que vivem com HIV/*aids*, esse termo depreciativo era encontrado facilmente em trabalhos científicos e na imprensa, reforçando ainda mais o preconceito e a discriminação com pessoas que vivem com o vírus. Com o passar dos anos, esse termo foi caindo em desuso e essa mudança ameniza a situação estigmatizante dos portadores do vírus, entretanto, isso não é suficiente, é necessário que paralelamente hajam mudanças nas relações sociais.

Vale ressaltar ainda que o surgimento, uso e desuso de palavras não são controláveis por meios autoritários. É no jogo da linguagem que a linguagem se dinamiza, se constrói e se reconstrói sendo portanto toda e qualquer palavra parte de um processo amplo: a história social em permanente movimento. E é nesse movimento que o homem constrói objetos, se constrói a si mesmo e partilha construção dos sentidos (LIMA, 2000, p. 101).

Ainda hoje a *aids* caracteriza-se como uma doença acompanhada de preconceitos, julgamentos, questões morais e de comportamento, juízos de valor, posto que há a curiosidade em saber como a pessoa tornou-se portadora do vírus, qual foi o “erro” dela. Alguns paradigmas foram quebrados, e até então há uma luta para romper com o preconceito com os portadores do vírus.

3 O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

3.1 Processo de construção da notícia

As notícias possuem um papel relevante na vida das pessoas, pois é por meio delas que são construídas a noção de realidade, gerando conhecimento público. Além de também intervir na sociedade, através da construção de discursos, que vão se incorporando no cotidiano. Segundo Soares (2001, p. 40), “ao construir a realidade, o jornalismo passa a ser considerado como uma instituição fundadora do espaço social”. Para compreender como é realizado esse processo de construção do discurso jornalístico, é necessário explanar sobre alguns aspectos relacionados à notícia. Charaudeau (2013, p.132) propõe chamar a notícia de “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado”.

Para a notícia chegar até o receptor é percorrido um caminho que vai do fato à publicação e circulação da notícia, perpassando pelos conceitos da verdade e da objetividade. Conceitos estes que são bastante debatidos e questionados. Se pararmos para analisar um pouco, a notícia é escrita sob a visão subjetiva do jornalista e/ou de mais pessoas, sendo assim, está inserido no texto ideologias, explícitas ou não, sobre o fato. Levando assim, um questionamento sobre a legitimidade do discurso jornalístico. Autores como Gama e Dadalto (2009) não consideram a objetividade como uma característica do jornalismo, pois há uma influência da subjetividade humana.

Na prática do cotidiano jornalístico as informações coletadas são formadas por circunstâncias objetivas e influências subjetivas. [...] Os fatos noticiados são significativamente construídos por influências subjetivas vigentes na realidade social. Nesse processo, mesmo que relatados de forma mais objetiva e direta possível (o que é um tanto quanto improvável), os fatos já estão atrelados à subjetividade das pessoas que os consolidaram no ambiente social na qual estavam inseridas e à subjetividade dos indivíduos que os propagaram até o momento em que foram capturados pelo veículo de comunicação, sendo esses indivíduos jornalistas ou não (GAMA; DADALTO, 2009, p. 6).

Tendo como premissa que o jornalismo deve prezar pela imparcialidade é necessário que se tenha um equilíbrio na cobertura das notícias. Todos os lados envolvidos devem ser ouvidos, sem favorecer o interesse de um, pois a independência para expor todos os lados é uma obrigação do jornalismo. O fato se transforma em notícia, segundo Charaudeau (2013, p. 138) baseados em dois critérios, um externo e outro

interno. Os critérios externos estão relacionados com o modo que os acontecimentos aparecem, e podem ser de três tipos: o acontecimento surge inesperadamente, ou seja, ele não tinha como ser previsto, a exemplo de catástrofes. O segundo tipo é o acontecimento programado, isto é, havia uma programação para que o evento acontecesse, fora anunciado com antecedência, a exemplo manifestações culturais.

O terceiro tipo é aquele que o acontecimento é suscitado, ou seja, há uma preparação e ele é provocado pelo setor institucional, especificamente pelo setor público, com uma finalidade estratégica o setor público faz pressão às mídias na tentativa de chamar atenção para outro acontecimento, desviando assim o olhar da opinião pública relacionado a algum problema. Charaudeau (2013, p.138) reforça que neste terceiro tipo há “um problema de manipulação na origem do acontecimento, o que põe as mídias numa posição desconfortável”.

Os critérios internos, Charaudeau (2013, p.138) explica que são aqueles voltados às escolhas realizadas pela mídia em função do princípio da saliência. Logo, as mídias escolhem de acordo com o que pode interessar ou emocionar o público. Existem três conceitos que estão ligados ao jornalismo quando se refere do acontecimento à notícia: *agenda-setting*, *newsmaking* e *gatekeeping*. Estes conceitos decorrem das teorias empregadas para explicar os parâmetros que determinam o número de histórias que serão selecionadas pelo jornalista dentre o montante de fatos ocorridos no mundo, transformando-os em notícia.

As pessoas organizam seus comentários e assuntos em decorrência conforme o que as mídias lhes apresentam, mostrando ao público qual assunto eles precisam tomar conhecimento para ter uma opinião. Sendo assim, as mídias selecionam o que virá a público e, conseqüentemente, bloqueiam outros acontecimentos. Posto isto, é possível reconhecer que ela interfere no modo de pensar da sociedade. O *agenda-setting* ou teoria do agendamento defende que:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, 1979, p.96 apud WOLF, 1999, p.130).

Esse agendamento só é possível porque, previamente, o material veiculado foi selecionado pela função *gatekeeper*, ou seja, um filtro pelo qual é estabelecido o que se tornará notícia. O termo *gatekeeper* foi introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin, entretanto, David Manning White foi o primeiro a aplicar este conceito no jornalismo. White defende que o processo de produção das notícias é gerado como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos “portões” (*gates*), que são instantes de decisão nos quais o jornalista (*gatekeeper*) decidirá se vai escolher determinada notícia ou não para ser veiculada. Salienta-se que a notícia descartada não será publicada, conseqüentemente, o público não tomará consciência da mesma (WHITE, 1993, p.143). White (1993, p.149) acrescenta que “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, com decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*”.

Newsmaking (produção das notícias) está centralizado na produção, na construção da notícia, este último não está se referindo apenas sobre “a cobertura de um acontecimento particular, mas ao andamento normal da cobertura informativa por períodos prolongados” (WOLF, 1999, p.186). O *newsmaking* possui uma abordagem que visa mostrar o contexto da cultura profissional dos jornalistas e da organização do trabalho e os processos produtivos. Por causa da enorme quantidade de acontecimentos, as mídias perceberam a necessidade de se criar critérios para reduzir a quantidade de informação. A seleção e produção de notícias passou a respeitar três critérios: tornar um fato desconhecido em um acontecimento notável; noticiar o acontecimentos de modo que demonstre que houve um tratamento de forma natural, sem transparecer qualquer tipo de influência ou pressão; e, por fim, estruturar a informação no tempo e no espaço, de tal modo a ser trabalhada e planejada, consentindo que os fatos noticiáveis fluam (WOLF, 1999, p. 188-189).

3.2 Fontes de informação

O jornalismo possui o papel de mediador da realidade que busca integrar o homem ao seu meio. Bahia (1990, p.9) afirma que “a palavra jornalismo quer dizer apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimento e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”.

Os jornalistas não podem inventar as notícias, obviamente, ele deve consultar as fontes para construir as notícias. Estas fontes podem ser oficiais ou não oficiais. Para a

produção das notícias o jornalista deve utilizar o máximo possível de fontes que serão verificadas e apresentadas por meio das notícias. Traquina (2001, p. 104) afirma que qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação, podendo ser qualquer pessoa que esteja envolvida, que conheça ou testemunhe algum assunto ou fato. Esta fonte será entrevistada pelo jornalista que obterá as informações necessárias para a construção da notícia. É fundamental que o jornalista saiba cultivar as fontes, desenvolvendo, através da conversa, uma relação até formar um clima de confiança.

Quando se fala de fontes de informação é importante abordar as teorias Construcionistas que defendem que é improvável estabelecer uma distinção entre a realidade e as notícias, visto que, as notícias contribuem para a própria construção da realidade. Além de argumentarem que a linguagem não é neutra, pois não pode transmitir diretamente o significado, e que os jornalistas concebem a própria representação da realidade diante dos fatos observados, baseando-se em aspectos econômicos e organizacionais para assimilar a notícia como um modo de construção da realidade.

As teorias Estruturalista e Interacionista são as principais representantes das teorias Construcionistas, ambas partilham as notícias como construção social. Traquina (2005, p. 173) afirma que em ambas teorias “[...] as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização”. Sendo assim, esta interação entre os jornalistas e as fontes de informação eleva as notícias como uma ferramenta de grande valor para o governo.

A teoria interacionista argumenta que não é automático o papel dominante das fontes oficiais, pois há uma ação estratégica por trás disto. Para uma fonte impor seus acontecimentos na agenda dos jornalistas e estabelecer o enquadramento que quer dar no que tange a construção da notícia, Traquina (2005) listou quatro recursos necessários: o capital econômico; o capital institucional, ou seja, o nível de institucionalização da fonte; o capital sociocultural, na figura de autoridade e credibilidade; a estratégia e as técnicas de comunicação.

Entretanto, se a fonte de informação se ampara na autoridade e credibilidade para tentar uma negociação com o jornalista sobre um determinado acontecimento, cabe ao profissional de comunicação (Jornalista, Relações Públicas, Assessor de Comunicação) o dever de separar a informação segundo os parâmetros jornalísticos. Jorge Pedro Sousa (2001, p. 64) reforça que “as informações que uma fonte disponibiliza ao jornalista devem

ser enquadradas e tratadas sem adulteração, mas também devem ser, por princípio, verificadas”. No final, quem decide se uma notícia será publicada ou não é o jornalista.

Esta relação entre as fontes de informação e o jornalista é, regularmente, uma relação de luta ou negociação, pois os profissionais de comunicação tentarão divulgar aquilo de interesse do local o qual representam. Tentando alavancar e chamar os holofotes para a sua fonte de informação, dando assim, ao fato um significado, utilizando estratégias para alcançar o objetivo.

Para a escolha de uma fonte compete ao jornalista avaliar a confiabilidade da informação, Traquina (2001, p. 105) cita três critérios: a autoridade; a produtividade; e a credibilidade. Para o jornalista é um critério essencial a autoridade da fonte, pois o fato da fonte ser respeitável faz com que o jornalista prefira referenciar a fontes oficiais ou as que ocupam cargos institucionais de autoridade. Traquina (2001, p. 105) explica que,

o jornalista pode utilizar a fonte mais pelo o que é do que pelo que sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição. Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade.

Outro critério é a produtividade que concerne aos motivos pelos quais, comumente, predomina as fontes institucionais, pois “elas fornecem os materiais suficientes para fazer a notícia, permitindo que os jornalistas não tenham de recorrer a demasiadas fontes para obter os dados ou os elementos necessários” (TRAQUINA, 2001, p. 106). Já a credibilidade, segundo Traquina (2001, p.106) está relacionada às fontes que têm a obrigação de ser tão credíveis, que a informação fornecida requeira o mínimo possível de controle. O jornalista precisa analisar a credibilidade da fonte para confirmar a credibilidade da informação fornecida. Se uma fonte concede materiais credíveis ela tem boas possibilidades de continuar sendo utilizada chegando até a converter-se em fontes regulares. Sendo assim, as fontes oficiais resultam em uma credibilidade obtida com a rotina e o tempo.

Quando se analisa a relevância destes três critérios citados acima, deve-se recordar que o fator tempo movimenta o trabalho dos jornalistas, devido a isso, as fontes oficiais são as mais escolhidas pelos jornalistas para construção da notícia, isso explica o uso frequente delas. A relação entre os jornalistas e as fontes oficiais pode ser considerada recíproca, pois os dois se beneficiam desta “troca”.

Para os jornalistas, os benefícios são: 1) a eficácia; 2) uma maior estabilidade no trabalho; 3) uma autoridade que valida a notícia. Para as fontes oficiais, os benefícios são: 1) a publicitação dos seus atos; 2) possivelmente, uma saliência social; e 3) o reforço da sua legitimidade (BENNETT; GRESSETT; HALTOM apud TRAQUINA, 2001, p. 110).

Além das fontes oficiais o jornalista precisa utilizar outras fontes que possibilitem outros ângulos para as histórias, a chamadas fontes não oficiais, ainda pouco utilizadas na construção das notícias. Todavia, independentemente do tipo de fonte a ser utilizada, as informações coletadas das fontes deverão passar por um processo de enquadramento para que assim chegue à sociedade.

3.3 Discurso polifônico

A polifonia exerce um papel importante no discurso jornalístico, uma vez que incorporam vozes de outras instâncias que são percebidas simultaneamente nas notícias. O discurso deixa de ser de uma só pessoa, de uma só ideia para incorporar outros elementos, contextos e realidades. Segundo Grillo (2005, p. 1165) um dos aspectos da polifonia em Bakhtin é que “não basta que haja diversas vozes, antes é preciso que elas se constituam, por meio do diálogo, em pontos de vista contraditórios”.

O discurso jornalístico é composto de uma ou mais vozes (a voz do jornalista, a voz da empresa para qual presta serviço e as fontes consultadas), no qual denomina-se sujeitos do enunciado. Para Moraes (2004, p. 56),

o sujeito do enunciado, ou emissor, é o personagem entre outros que agem e falam e que pode ser identificado como o responsável pelo enunciado. O sujeito do enunciado põe em cena um ou mais enunciadores [...] como sujeito da enunciação.

Bakhtin (2006) afirma que ao construir o nosso discurso nos apropriamos da palavra alheia. Isto pode ser constatado no jornalismo, pois há uma coleta de dados, consulta de fontes para a construção do discurso jornalístico. Sendo assim, Bakhtin (2006) reafirma a ideia de que todo texto é heterogêneo, ou seja, composto por várias vozes que dialogam e retomam a outros textos que lhes deram origem.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas

e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 2006, p. 135).

Ao escrever, um autor nunca está sozinho, suas ideias não são totalmente suas é uma mescla de ideias dos que o precederam e o sucederam, ou seja, exerce uma relação dialógica, na qual interage com outras vozes. Logo, a linguagem é heterogênea, pois apropria-se de um discurso do outro que já foi dito para a construção do seu próprio discurso.

De acordo com Fiorin (2006, p.19) “dialogismo são as relações de sentido que se estabelece entre dois enunciados”, o autor comenta que existem dois conceitos para o termo. O primeiro conceito é chamado de constitutivo que “não se mostra no fio do discurso” (FIORIN, 2006, p.32). Ele complementa afirmando que “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado e tem pelo menos duas vozes” (FIORIN, 2006, p. 24). Já o segundo conceito é chamado de composicional, logo, ele se mostra no texto, existe a “incorporação pelo enunciadador da(s) voz(es) do outro no enunciado” (FIORIN, 2006, p. 32). É neste segundo conceito que o jornalista pode compor de forma particular na notícia a inserção do discurso do outro, citando - o abertamente, utilizando a modalização do discurso.

O discurso citado é uma das formas mais visíveis da exposição da polifonia, segundo Bakhtin (2006, p. 147) como “o discurso no discurso, a enunciação sobre a enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Com isso o autor estabelece dois aspectos: a independência do contexto da narração em relação com o discurso citado; e o processo de apropriação e transmissão do discurso do outro, isto é, as mais variadas formas de transmitir esse discurso (discurso indireto, discurso direto, modalização em discurso segundo etc) caracterizando o diálogo que se estabeleceu entre o discurso do outro e o contexto transmissor, bem como a fala do jornalista. Transmitir o discurso do outro confere à notícia uma noção de veracidade, sobretudo, quando é utilizado o discurso direto pois produz um efeito de fidelidade literal à voz dos atores sociais.

Para construir uma notícia o jornalista necessita coletar informações junto aos atores sociais, e são essas informações coletadas que compõem a maior parte do que será veiculado, tendo como fonte principal o discurso alheio. Assim sendo, constata-se que a notícia tem sua origem no discurso alheio. A decisão de revelar ou não as fontes consultadas é uma decisão do jornalista. Para Bakhtin (2006), o dialogismo compõe parte essencial da linguagem, visto que mesmo entre discursos monofônicos percebe-se sempre

a relação dialógica; logo, todo gênero é dialógico. Para não haver equívocos, Rehdan (2003) esclarece a diferença entre dialogismo e polifonia.

O dialogismo não deve ser confundido com polifonia, porque aquele é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e esta se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Há gêneros dialógicos monofônicos (uma voz que domina as outras vozes) e gêneros dialógicos polifônicos (vozes polêmicas). [...] Na polifonia, o dialogismo se deixa ver ou entrever por meio de muitas vozes polêmicas; já na monofonia, há, apenas, o dialogismo, que é constitutivo da linguagem, porque o diálogo é mascarado e somente uma voz se faz ouvir, pois as demais são abafadas (RECHDAN, 2003. p. 2-3).

Portanto, os textos são considerados diálogos, pois procede do embate de muitas vozes, entretanto, o resultado produzido não é o de polifonia. A perspectiva de Ducrot (1987) aponta que sem polifonia nos deparamos com um discurso falsamente plural. Pode-se tomar como exemplo quando o jornalista dá voz a várias fontes em uma reportagem e o sentido do enunciado apresenta-se monofônico, porque todas as vozes/sujeitos estão enunciando sob a mesma visão. Ducrot (1987) elucida que para identificar se um texto possui caráter monofônico ou polifônico é necessário diferenciar o locutor e o enunciador. O locutor é o indivíduo que fala, podendo ser nomeado como responsável pelo enunciado.

Por definição, entendo como locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que se refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. [...] o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que [...] o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser, apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado (DUCROT, 1987, p. 182).

De acordo com Ducrot (1987), em um texto pode ocorrer do sentido do enunciado desencadear o surgimento de vozes que não serão consideradas a voz do locutor, mas sim de enunciadores, que expressam uma opinião da qual surge discursivamente de um enunciado. Porém, é bom esclarecer que o enunciador não fala no enunciado, entretanto, é “falado”. Portanto, locutor é quem fala, e o enunciador é “aquele que vê”. Os enunciadores são responsáveis pelos pontos de vista, deixando claro seu posicionamento sobre o tema, eles são os sujeitos que se expressam através da enunciação. Sendo assim, entende-se que “o enunciador está para o locutor” (DUCROT, 1987, p.192).

Chamo enunciadores estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuem palavras precisas; se eles 'falam' é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando o seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo suas palavras (DUCROT, 1987, p.192).

Ao analisar as vozes que constituem o discurso jornalístico, pode-se empregar como exemplo uma reportagem, com três fontes consultadas. A priori, teríamos quatro locutores (um repórter e as três fontes), nos conduzindo a inferir que o texto é de caráter polifônico. Entretanto, é necessário, observar o sentido da enunciação, ou seja, se os locutores estiverem enunciando sob o mesmo ponto de vista ou estiverem se complementando, pode-se considerar que só existe um enunciador. Sendo assim, o texto possui aparência de polifônico, composto por quatro vozes distintas, porém é monofônico, em razão de possuir apenas um enunciador.

Antagonicamente ao exemplo anterior, uma situação também possível de se encontrar nos textos é quando um locutor opina com as mais variadas perspectivas em um mesmo discurso, o que aparentemente seria um texto apresentando monofonia, de fato, é polifonia. O discurso jornalístico através de suas enunciações vai tecendo a noção de realidade e dão visibilidade à verdade. Charaudeau (2006, p. 147) esclarece que “a instância midiática não pode, evidentemente, inventar as notícias”;

Em geral, busca-se, no jornalismo, construir narrativas impessoais e objetivas, nas quais o narrador não se coloque como aquele que relata determinado fato. A objetividade, a neutralidade, o distanciamento, a negação de opiniões ou posicionamentos políticos, a exclusão de ideologias são alguns dos ideais buscados pela imprensa. A eles, soma-se o critério de seleção de notícias por sua atualidade, disponibilidade e conveniência e tem-se uma faceta do quadro correspondente ao jornalismo contemporâneo (SOARES, 2001, p. 25).

Porém, essa linguagem neutra não existe, pois o discurso é carregado pela ideologia de quem o transmite. Nosso pensamento provém do modo como vemos o mundo, as pessoas, os objetos e até nós mesmos. Por conseguinte, as formações discursivas são apoiadas nas formações ideológicas. Por mais neutro que possa transparecer o discurso jornalístico, a enunciação sempre estará carregada de ideologias que o leitor pode ou não chegar a perceber nos textos.

É com base nesta suposta neutralidade do discurso jornalístico em relação aos fatos, que o credencia como instância na qual possui legitimidade e é reconhecida para relatar de forma imparcial os interesses coletivos. Assim sendo, como o jornalista trabalha com fontes de credibilidade, cruzando fontes e informações para se chegar à verdade dos

fatos, estabelecendo assim, através desses pressupostos um contrato de leitura firmado pelo leitor/receptor. “Mas é também por meio destas técnicas que os jornalistas constroem as identidades e relações e selecionam o conteúdo que estarão em jogo no evento comunicacional” (PINTO, 2002, p. 53).

Não basta um fato acontecer para tornar-se notícia e ser veiculado pelos jornais é preciso ser merecedor de ganhar visibilidade através dos jornais. Com base na relação contratual infere-se que a construção da verdade além do discurso jornalístico ela passa também pela recepção, ou seja, o leitor.

A relação dos jornalistas com as fontes de informação é demarcada por uma noção de ilusão discursiva, na qual Michel Pêcheux distingue duas formas de esquecimento no discurso. O primeiro é o esquecimento ideológico no qual pensamos ser donos e originários de determinado pensamento, porém ele já preexistia. Este esquecimento,

é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2007, p. 35).

Pode-se identificar esse esquecimento em vários momentos no jornalismo no trato com as fontes de informação;

É comum que o jornalista se utilize não só da visão sobre a realidade fornecida pelas fontes, mas também de suas expressões. Em muitos momentos, assume as perspectivas de enunciação de outros pensando serem as suas. No momento em que produz o texto, considera-se o dono deste discurso, seu autor (MACHADO; JACKS, 2001).

O segundo esquecimento, chamado de esquecimento enunciativo é referente à ordem da enunciação, na qual utiliza-se estratégias de expressão, quando se escolhe uma maneira de falar e não outra, quando se diz algo e recusa-se outro. Assim sendo, tudo o que é falado poderia ser falado de outra maneira. O sujeito acaba por esquecer que escolheu um modo de dizer a outro e nem sempre o sujeito tem consciência disso. “Ao falarmos “sem medo”, por exemplo podíamos dizer “com coragem”, ou “livremente” etc. [...] Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2007, p. 35).

É a operação linguística que todo falante faz entre o que é dito e o que deixa de ser dito; em que no interior da formação discursiva que o domina, elege algumas formas e sequências que se encontram em relação de paráfrase e

‘esquece’, oculta outras. Essa operação dá ao sujeito a ilusão de que o discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade (PÉCHEUX; FUCHS apud BRANDÃO, 1998, p. 66).

Como já se sabe o discurso jornalístico é determinado a partir da enunciação, e o esquecimento é parte constitutiva do sujeito e dos sentidos, chegando à conclusão de que em todo discurso pode-se encontrar além das vozes que falam explicitamente há também as que não falam. Sendo fundamental, o silêncio, para construção dos sentidos.

Para se construir um discurso é necessário o movimento de dois processos, o parafrástico e o polissemico. “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 36). Portanto, a paráfrase possibilita a construção de um mesmo sentido, porém de outro modo. “[...] Na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2007, p. 36). Logo, a polissemia possibilita sentidos distintos.

Esta relação entre o mesmo e o diferente é que gera a movimentação dos sentidos e dos sujeitos. Pode-se afirmar que a produtividade é gerenciada pelo processo parafrástico, “mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo” (ORLANDI, 2007, p. 37). Já a criatividade provoca um rompimento do processo de criação da linguagem, ao passo que produz novas formas e sentidos.

Orlandi (2007) organizou uma tipologia de discursos, segmentada em autoritária, polêmica e lúdica, baseando-se no diálogo dos sujeitos e na relação estabelecida entre a polissemia e paráfrase, propiciando assim a análise do discurso jornalístico. O tipo autoritário é aquele que há uma inclinação para a paráfrase (mesmo sentido) e com o uso comedido da polissemia. O tipo polêmico manifesta um equilíbrio entre paráfrase e polissemia “o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 86). No tipo lúdico há uma inclinação total para a polissemia, não havendo uma regulação dos sentidos.

Essas tipologias são essenciais na identificação dos sentidos nas enunciações, permitindo a distinção se o discurso é monofônico ou polifônico. De acordo com Berger (1998, p.188), “[...] o discurso jornalístico é duplamente polifônico (composto de múltiplas vozes), indicando um potencial polissêmico (possibilidades plurais de sentido) que, no entanto, tende à paráfrase (ao mesmo), inscrevendo-se no tipo autoritário”.

O jornalismo é, em sua essência, um discurso que deve apresentar a realidade e a verdade dos fatos, abrangendo diversas vozes, cada uma com seu universo ideológico, que irão constituir o discurso. É fato, como já foi explanado, que o jornalista tem o poder de decidir qual voz será visível e quantas irão compor o texto. Diante disso, a enunciação com seus mais variados pontos de vista pode representar a complexa estrutura social no discurso jornalístico. Por meio da análise dos locutores, pode-se desmascarar um discurso aparentemente polifônico, mas que na verdade é monofônico, ou seja, rompendo com a responsabilidade social na qual o jornalismo está inserido.

4 MÉTODO DE ANÁLISE

4.1 Objeto

O Portal Tudo na Hora (TNH1) está no ar desde 1 de outubro de 2007, ou seja, há 12 anos produzindo informação para sociedade. Está vinculado ao grupo Pajuçara Sistema de Comunicação (PSCOM) que, atualmente, é afiliado à rede Record. O portal tem alcançado mais de 13 milhões de exibições de páginas por mês. No TNH1 o internauta encontra *blogs* de economia, política, gastronomia, moda, vídeos da programação da TV Pajuçara e transmissões ao vivo do TNH1 TV e das Rádios Pajuçara FM - Maceió e Arapiraca, classificados *on line*, esportes, diversão e notícias que estão distribuídas em várias editorias.

4.2 Corpus

Para delimitação do tipo de debate e a informação que circula sobre o HIV/aids no *webjornalismo* em Alagoas, este estudo requer um corpus que represente a produção jornalística. Consoante com a regra da representatividade, o portal de notícias TNH1 foi selecionado por sua contribuição na produção jornalística, além de alcançar, segundo informações do próprio portal, mais de 13 milhões de exibições de páginas por mês.

Obedecendo a regra da exaustividade¹ foram inseridas todas as notícias relacionadas ao assunto pesquisado publicados durante o ano de 2018. Com a delimitação do período de um ano completo (1º de janeiro a 31 de dezembro) é possível perceber os contrastes existentes durante todo o ano. Conforme a regra da homogeneidade², ao acessar o portal de notícias analisamos apenas os textos jornalísticos que continham ao menos uma referência às palavras aids, HIV e soropositivo.

O corpus ficou definido em um total de 76 textos jornalísticos, todos do gênero notícia, ou seja, tratam-se de textos informativos. Posteriormente, percebemos que dentre este universo de 76 textos jornalísticos havia textos que mencionavam as palavras citadas no parágrafo anterior, porém, o foco não era especificamente sobre HIV/aids. Diante desta

¹ Regra que exige que nenhum documento deve ser deixado de fora

² Regra explicada na seção de procedimentos metodológicos

apuração, foram separadas as notícias que tinham foco e as sem foco no assunto. Na tabela 1 visualizamos o número absoluto e percentual de acordo com o foco das notícias.

Tabela 1- Textos classificados por foco em HIV/aids

Foco em HIV/aids	TNH1	
Sim	17	22,5%
Não	59	77,5%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1

Das 76 notícias, 17 tinham foco e 59 não tinham foco em HIV/aids. Os textos com foco em algum aspecto do HIV/aids são utilizados na próxima etapa da pesquisa, na qual será feito o mapeamento e classificação das vozes da aids.

4.3 Procedimentos metodológicos

Para realização da análise das fontes de informação utilizadas no TNH1, na elaboração das notícias sobre o HIV/aids, exige-se instrumentos metodológicos que são aplicados por meio de técnicas provenientes da análise de conteúdo e da análise de discurso. Bardin (2004) define a análise de conteúdo como um conjunto de ferramentas que necessitam de um processo no qual está em constante aperfeiçoamento, que empregam discursos variados. Inseridas nessas técnicas múltiplas e multiplicadas há um agente comum que vão desde o cálculo de frequências que viabiliza dados cifrados até a extração de estruturas nas quais são traduzidas em modelos, logo é uma interpretação no sentido das palavras de forma controlada, baseando-se na dedução.

O que possibilita por meio desta análise uma investigação objetiva, quantitativa e sistemática do conteúdo das matérias jornalísticas, buscando conhecer aquilo que está por trás das palavras. Bardin (2004, p. 34) explica que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Bardin (2004) estruturou a análise de conteúdo em cinco etapas: organização da análise; codificação; categorização; inferência e tratamento informativo.

1) Organização da análise

É a seleção dos documentos a serem submetidos à análise (corpus do trabalho), formulação de hipóteses e objetivos, além da elaboração dos indicadores que vão fundamentar a interpretação final.

2) Codificação

Consiste em transformar os dados brutos de forma sistemática, obedecendo regras de enumeração, classificação e agregação, com o objetivo de apontar as características do material selecionado. Neste estudo, foram utilizadas todas as notícias que se referiam ao HIV/aids.

3) Categorização

É a classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento segundo a analogia. Bardin (2004) lista as características que devem estar inseridas na etapa de categorização:

- Exclusão mútua: cada elemento não pode existir em mais de uma divisão, ou seja, um elemento de uma categoria não poderá ser incluído em outra categoria;
- Homogeneidade: só devem ser incluídas na mesma categoria unidades de registro da mesma natureza;
- Pertinência: quando a categoria está adaptada ao material escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido refletindo as intenções da investigação;
- Objetividade e fidelidade: deve-se definir claramente as variáveis que tratam para que garantam a fidelidade dos resultados;
- Produtividade: um conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índices de inferências, dados e novas hipóteses.

4) Inferência

É o processo pelo qual será produzidas suposições subliminares acerca de determinada mensagem, embasando-as com pressupostos teóricos.

5) Tratamento informativo

Nesta etapa será transformado os resultados brutos de maneira a serem significativos e válidos, por meio de porcentagens que permitirão estabelecer diagramas, gráficos, tabelas, os quais condensem as informações fornecida pela análise.

Para a codificação e categorização do material analisado cada notícia foi sistematizada segundo os aspectos seguintes:

- Foco em HIV/aids (sim ou não);
- Gênero jornalístico (informativo e opinativo)

- Autor da notícia;
- Tema (sociedade, política pública, farmacologia, vacinação, epidemia, médico-científico, ética e sexualidade)
- Fonte (governo, médico, Organização Mundial da Saúde (OMS), portador do vírus HIV, meios de comunicação, Organização das Nações Unidas (ONU), Anvisa, (Oficial e não oficial).

Para cada texto foi preenchida a seguinte tabela:

Código do Texto / Título:

Gênero (Notícia / Entrevista / Artigo / Carta Leitor / Colunista / Editorial):

Foco (Sim / Não):

Autor:

Data:

Tema:

Identificação da Fonte / Classificação:

A seguir um exemplo de como foi realizado:

Código do Texto / Título: 65 – “Sesau lança campanha para estímulo à testagem rápida de HIV”

Gênero: Notícia

Foco: Sim

Autor: Agência Alagoas

Data: 28/12/2018

Tema: Política pública

Identificação da Fonte / Classificação:

Superintendente de Vigilância em Saúde da Sesau, Mardjane Lemos (Governo - Oficial)

Posteriormente, os textos foram separados conforme o foco em HIV/aids. Nos 59 textos que não possuem foco neste assunto (77,5% do corpus), no entanto, houve a menção das palavras HIV, aids e /ou soropositivo na notícia, foi realizada apenas uma análise dos temas, ou seja, o mapeamento dos assuntos, para que se possa entender o que levou o jornalista e/ou a fonte a mencioná-lo(s).

Quanto às fontes de informações presentes nas notícias sem foco não foi realizada a análise, pois, entende-se que não é obrigatório o jornalista entrevistar fontes sobre o tema. Na etapa seguinte, foi realizada a mesma análise dos temas com as notícias com foco, salientando que as categorias foram criadas a partir da observação.

Ressaltamos que na análise temática realizamos dois métodos de pesquisa:

- Quantitativo, que possibilitou gerar tabela com os dados;
- Qualitativo, no qual houve a interpretação e contextualização dos textos com foco e sem foco no HIV/aids, explanando a frequência dos temas ao longo do ano de 2018.

O mapeamento dos temas coopera para que se possa mapear as fontes, as quais são produtoras de discursos, e assim, perceber os movimentos de dominância e silenciamento. A classificação das fontes foi realizada a partir da observação, além de ser baseada na configuração proposta por Traquina (2005), na qual, após ser categorizada, foi dividida em dois grupos, fonte oficial e fonte não oficial. Nesta etapa adotamos dois métodos de pesquisa:

- Quantitativo, que culminou em tabelas com dados;
- Qualitativo, que possibilitou a interpretação e contextualização desses dois grupos em relação aos movimentos de dominância e silenciamento nas notícias, além de debater a relação entre seleção de fontes e a qualidade da informação jornalística sobre o HIV/aids.

Para examinar as vozes presentes nas notícias com foco, foi empregado o conceito de polifonia de locutores de Ducrot (1984), no qual o autor distingue o enunciador do locutor nas notícias.

A teoria de Ducrot (1984) sobre o mapeamento das vozes está incorporada na Análise de Discurso. Orlandi (2007, p. 26) explica que a Análise de Discurso “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”.

A Análise de Discurso provoca um estado de reflexão levando o leitor e o sujeito falante a gerar questionamentos sobre o que ouvem e o que produzem nas manifestações da linguagem presentes nos jornais. Torna-se um instrumento para compreender quais os discursos que se encontram nas notícias. Segundo Orlandi (2007) a Análise de Discurso leva em consideração o homem na sua história, considerando os processos e as condições

de formação da linguagem, de acordo com a relacionamento definido pela língua com os sujeitos que a falam e as situações nas quais produzem o dizer.

A Análise do Discurso considera que todo discurso é uma construção social refletindo uma visão de mundo vinculada à de seus autores e à sociedade em que vivem e que só pode ser analisado considerando suas condições de produção e seu contexto histórico-social.

5 TNH1 APRESENTA O HIV/AIDS AO PÚBLICO

Nesta Seção expomos como o portal de notícias TNH1 apresenta o HIV/aids ao público por meio do resultado das análises de conteúdo e de discurso realizadas nos 76 textos jornalísticos que constituem o corpus da pesquisa.

5.1 Os temas

Foi realizado o mapeamento dos temas presentes nos 76 textos jornalísticos. Na primeira parte foram avaliadas as notícias sem foco com o propósito de entender o que levou o jornalista e/ou a fonte a mencionar no discurso a(s) palavra(s) aids, HIV e/ou soropositivo. Posteriormente, foram avaliadas as notícias com foco em HIV/aids.

5.1.1 Textos sem foco em HIV/aids

No período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2018 foram encontradas 59 notícias. As notícias no portal TNH1 em sua maioria trataram de assuntos ligados à *Sociedade* (47,5%), enfatizando questões sobre o saque do PIS/Pasep e FGTS; sobre violência, como pode ser visto nos textos (T54) – “Refugiada transgênero é espancada em cela e morre nos EUA” e (T43) - “São João de Campina Grande termina com 61 pessoas vítimas de agulhadas”. Questões sobre o presídio, por meio de textos como (T31) – “População carcerária quase dobrou em dez anos” e (T16) – “Vídeo: conheça a dura realidade dos agentes penitenciários em Alagoas”. Textos sobre o mundo dos famosos (T21) - “O acessório da noite do baile de gala: as muletas” e (T63) - “Ariana Grande é eleita a Mulher do Ano pela Billboard por seu talento e ativismo social”. Além de textos sobre eventos; cinema; mortes e gestos de caridade (T47) - “Policia argentina amamenta bebê que chorava em hospital”.

Em segundo lugar foi registrado o debate sobre *Políticas Públicas* (22%) com textos que abordavam sobre a saúde nos mais variados enfoques, como pode ser visto nesta notícia no qual o poder público deve prover a sobrevivência dos cidadãos, fornecendo o necessário para que seja possível uma assistência médica digna, (T12) – “Justiça determina que Sesau e Uncisal providenciem o abastecimento do Helvio Auto de forma ininterrupta”. O investimento do governo na saúde também foi pauta de notícias,

(T08) – “Saúde pública de Alagoas tem investimento histórico em 2017” e no (T24) – “Gestantes e bebês: investimentos derrubam mortalidade infantil em Alagoas”.

Também pode ser encontrado nessa categoria textos que abordaram ações referentes às campanhas como “Maio Amarelo” – alertando sobre os perigos no trânsito, (T27) - “Maio Amarelo: HGE e Samu realizam ação na orla de Maceió no domingo”; “Outubro Rosa”- com serviços voltados à prevenção do câncer de mama e à saúde da mulher, (T52) – “Maceió Rosa: campanha leva ações de conscientização ao Centro”; e o mês da mulher – com mutirões de saúde para as mulheres, (T14) – “Rua fechada recebe programação especial do mês da mulher”. Nessas campanhas foram disponibilizados serviços como aferição da pressão, testes de glicemia e HIV.

Observamos também textos que abordaram sobre a conscientização para doação de sangue, (T75) – “Estoque de sangue do Hemoal para o feriadão é insuficiente; veja como doar”. Além de notícia sobre ações programadas nas grotas, (T15) - “Vida Nova nas grotas tem mais 200 ações programadas para 2018”. Houve também a divulgação de evento promovido pelo governo de Alagoas, o MindTalk, que pretendeu provocar discussões inovadoras sobre a gestão pública, (T26) – “Evento discute inovação em Alagoas por meio de tecnologia”. Em terceiro lugar ficaram os textos com o tema *Vacinação* (8,5%) referindo-se sobre a vacina contra a febre amarela e sobre a vacina contra o HPV.

Em quarto lugar, ficaram os temas *Médico-científico* (7%) e *Epidemia* (7%) este primeiro abordou sobre descoberta científica, (T41) – “Doença sexualmente transmissível se alastra e assusta médicos por resistência a antibióticos”, e (T22) – “Terapia caseira antiautismo traz riscos”. O texto (T72) – “OMS irá discutir e definir regras para a edição de genes” abordou a convocação de especialistas de todas as partes do mundo para discutir novas normas para edição de genes humanos, após o anúncio do pesquisador chinês ter afirmado que utilizou a técnica para modificar o DNA de bebês com a intenção de reduzir o risco de infecção pelo vírus HIV.

Além do texto (T55) - “Medicamento para HIV pode ser alternativa para tratar Alzheimer”, é um novo estudo que apontou a chave para enfrentar o Alzheimer que pode estar em um remédio já existente, usado em pacientes com HIV. A pesquisa apontou também que idosos com HIV que utilizam antirretrovirais tendem a não desenvolver Alzheimer, pois a terapia inibe a enzima transcriptase reversa que é produzida pelo corpo humano, que também aparece no processo de desenvolvimento do Alzheimer.

Já os textos sobre *Epidemia* trouxeram relatos de novos casos de doenças como tuberculose, sífilis ocular e hepatite, (T34) - Hepatite: o número de infecções não para de crescer”.

Em quinto lugar, ficaram os temas *Farmacologia* (3%) e *Ética* (3%) este primeiro trouxe as notícias (T01) - “OMS alerta para elevado índice de resistência aos antibióticos”, e (T25) – “Brasil investiga riscos de remédio que pode alterar feto na gravidez” foi relatado que um remédio usado no tratamento do HIV pode estar relacionado a defeitos do tubo neural em bebês nascidos de mulheres que utilizam o *dolutegravir*. Os dados preliminares sugerem que o risco surge da exposição da mulher à medicação no momento da concepção, e não durante a gravidez. Já o tema *Ética* pode ser visto por meio de texto sobre a disseminação de notícias falsas, (T23) - “David Uip: *Fake news* também são um problema de saúde pública” e também sobre a venda de bebês, (T45) - “Casa de caridade de Madre Teresa de Calcutá é acusada de vender bebês”.

Em último lugar a categoria Sexualidade (2%), que trouxe a notícia (T10) – “Como e quando falar sobre sexualidade com as crianças”, abordamos as questões sobre educação sexual para as crianças, pois a falta de informação sobre sexualidade entre os jovens contribui para os altos índices de transmissão do HIV e gravidez precoce.

Tabela 2 - Tema das notícias sem foco em HIV/aids

Tema	Sem foco	
Sociedade	28	47,5%
Políticas públicas	13	22%
Vacinação	5	8,5%
Epidemia	4	7%
Médico-científico	4	7%
Ética	2	3%
Farmacologia	2	3%
Sexualidade	1	2%
Total	59	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

5.1.2 Textos com foco em HIV/aids

Foram encontrados 17 textos com foco em HIV/aids no ano de 2018. A análise dos textos revelou que diferente dos textos sem foco a categoria que ficou em primeiro lugar foi a *Políticas públicas* (35,5%) e abordou o dever do poder público referente às questões da saúde por meio de notícia que envolveu a prevenção ao HIV, (T11) - “Ministério da Saúde alerta folião para o uso da camisinha no Carnaval”; e lançamento de campanha (T65) – “Sesau lança campanha para estímulo à testagem rápida de HIV”. Foi abordado também a cobrança para voltar a estimular as políticas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, (T64) – “Política de prevenção a HIV não pode ofender as famílias, diz novo ministro” e (T38) - “OMS: epidemia de aids não terá fim sem ações direcionadas”.

Pode ser visto também a notícia internacional, (T60) - “França lança medida curiosa para combater a aids”, na qual a ministra da Saúde da França anunciou que médicos poderão prescrever preservativos que terão seu valor reembolsado pela seguridade social para favorecer a luta contra a aids. Além de notícia sobre ação que estimula a autonomia infantil por meio da inserção do imaginário lúdico na tomada da medicação para o HIV/aids, (T67) – “Universo lúdico estimula adesão de crianças ao tratamento do HIV/aids”.

Em segundo lugar está a categoria *Sociedade* (23.5%) que retratou a discriminação (T44) – “Elton John critica Rússia e Leste Europeu por discriminar gays”, no qual o cantor afirmou que se não houvesse sectarismo e ódio, a aids poderia ser erradicada muito mais rápido. Ainda no campo da notícia internacional, (T42) – “Príncipe Harry e Elton John anunciam coalizão para tratar homens com HIV”. Encontramos também texto sobre evento, no qual, a experiência do Brasil em saúde pública na prevenção, no combate e tratamento da aids foi destaque em uma conferência internacional, em Amsterdã (Holanda), (T39) - “Experiência em saúde no Brasil é destaque em conferência sobre Aids”. No âmbito de notícia nacional, houve o anúncio do jornalista Francisco Garcia, (T70) – “Jornalista divulga que tem HIV para 200 mil seguidores, supera preconceitos e roda o país dando palestras”.

Em terceiro lugar estão as categorias *Médico-científico* (17,5%) e *Epidemia* (17,5%) esta primeira abordando sobre aprovação de uma medicação como tratamento preventivo contra o HIV, (T29) - “Remédio que previne a Aids é aprovado para adolescentes”. Houve também o texto acerca de um estudo sobre medicamento para HIV,

(T36) - “Estudo demonstra eficácia de medicamento para HIV ofertado no SUS”. A criação de bebês geneticamente modificados com a capacidade de resistir a infecções pelo vírus HIV foi alvo de notícia, (T58) - “Chinês alega ter criado bebês geneticamente modificados”.

Já na categoria *Epidemia* (17,5%) encontramos o texto com relato de redução dos casos de óbitos de pacientes com aids, (T56) – “Alagoas está entre os estados com redução de óbitos por AIDS”. Assim como também, a redução de casos novos, (T57) – “Aids: casos e óbitos caem 16% nos últimos quatro anos no Brasil”, fatores como a garantia do tratamento para todos, a melhora do diagnóstico, a ampliação do acesso à testagem e a redução do tempo entre o diagnóstico e o início do tratamento contribuíram para a queda. O relatório divulgado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids (Unaid) foi pauta para notícia, (T35) – “Metas globais para eliminação da aids até 2030 podem não ser cumpridas”.

Em último lugar ficou a categoria *Ética* (6%) que abordou a condenação de um homem por infectar mulheres com o vírus HIV, (T30) - “Homem é condenado por infectar mulheres com vírus da aids.

Tabela 3 - Tema das notícias com foco em HIV/aids

Tema	Com foco	
Políticas públicas	6	35,5%
Sociedade	4	23,5%
Médico-científico	3	17,5%
Epidemia	3	17,5%
Ética	1	6%
Total	17	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

5.1.3 Síntese

Após a análise dos temas presentes nas notícias com foco e sem foco em HIV/aids verificamos que a temática predominante nos textos sem foco foi *Sociedade* (47,5%), tratando sobre violência, presídio, morte, o saque do PIS/Pasep e FGTS, textos sobre o mundo dos famosos, eventos, cinema e gestos de caridade. Já nos textos com foco foi

Políticas Públicas (35,5%) que abordou sobre o dever do poder público quanto as questões da saúde sobre prevenção ao HIV, cobrança para estimular por mais políticas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, nova estratégia para evitar o abandono de tratamento de criança com HIV, medidas tomadas na França no combate a aids (ver tabela 4).

Essa condensação dos temas em categorias reflete as diferentes representações atribuídas ao HIV/aids nos discursos. Percebemos que vai muito além de uma doença, pois seu discurso perpassa por vários campos conforme foi classificado em *Sociedade, Ética, Políticas públicas, Epidemia, Farmacologia, Sexualidade e Vacinação*. Constatamos que o HIV/aids penetra na sociedade desenvolvendo-se em várias problemáticas e implicando em diferentes realidades.

Tabela 4 - Comparativo dos temas nas notícias com foco e sem foco em HIV/aids

Tema	Notícias sem foco		Notícias com foco	
Sociedade	28	47,5%	4	23,5%
Políticas públicas	13	22%	6	35,5%
Vacinação	5	8,5%	0	0
Epidemia	4	7%	3	17,5%
Médico-científico	4	7%	3	17,5%
Ética	2	3%	1	6%
Farmacologia	2	3%	0	0
Sexualidade	1	2%	0	0
Total	59	100%	17	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

5.2 As fontes

A partir da análise temática das notícias sobre HIV/aids é que se pode iniciar a próxima etapa, a realização do mapeamento das vozes. Como já foi dito, anteriormente, este mapeamento será realizado apenas com as notícias com foco em HIV/aids. Após o mapeamento das vozes será identificado se o portal de notícias TNH1 trata de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre HIV/aids. Na análise dos temas, as notícias foram inseridas em categorias temáticas (*Políticas públicas, Sociedade,*

Médico-científico, Epidemia e Ética). Nesta etapa, mapeamento das vozes, serão analisadas as escolhas das fontes de cada categoria temática em ordem decrescente.

Ao realizar a análise dos textos chegamos a esta categorização dos enunciadores: E1 (controle da aids pelo Poder Público), E2 (cobrança por mais ações de combate à epidemia pelo Poder Público), E3 (busca da cura pela medicina e ciência), E4 (participação da sociedade na luta contra a aids), E5 (incentivo à prevenção), E6 (condenação de pessoas que transmitiram o vírus para outros), E7 (incentivo à testagem rápida para diagnóstico da infecção pelo HIV), E8 (dados relacionados ao HIV/aids), E9 (medicamento para tratamento do HIV/aids) e E10 (evento sobre aids).

Os seis textos da categoria *Políticas Públicas* revelaram que 100% das notícias foram construídas a partir de fontes oficiais, ou seja, Governo Nacional e Internacional, Organizações das Nações Unidas (ONU) e Médico-científico (ver tabela 5).

Tabela 5 - Fontes das notícias com Tema Políticas Públicas

Fontes	Política Pública	
Governo Nacional	5	62,5%
a) Ministro da Saúde	1	
b) Boletim Epidemiológico	1	
c) Secretaria de Estado da Saúde (Sesau)	1	
d) Superintendente de Vigilância em Saúde da Sesau	1	
e) Assistente Social do Hospital Escola Dr. Helvio Auto	1	
Governo Internacional	1	12,5%
a) Ministra da Saúde da França	1	
ONU	1	12,5%
a) OMS	1	
Médico-científico	1	12,5%
Total	8	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Por meio da análise dos seis textos encontramos a presença de seis enunciadores (E1, E2, E5, E7, E8 e E9) os quais construíram os textos da categoria *Políticas Públicas*,

entretanto, o E1, que aborda sobre o controle da aids pelo Poder Público, foi o que prevaleceu sobre os demais (ver tabela 6). Por se tratar desta categoria, já esperávamos que a mesma refletisse o E1. Vale ressaltar que o segundo enunciador que prevaleceu nos textos foram E5 e E8, sobre incentivo a prevenção, e dados relacionados ao HIV/aids, respectivamente.

O E5, no (T64) – “Política de prevenção a HIV não pode ofender as família, diz novo ministro”, versou sobre o debate no tocante ao padrão de comunicação da política de prevenção do HIV, pois a forma que tem sido feita essa comunicação não está surtindo muito efeito. É levantada a questão de como será disponibilizado o preservativo, sem ofender as famílias e sem que elas se sintam invadidas pelo Estado em seu ambiente familiar. Além do posicionamento de que o PREP (Profilaxia Pré-Exposição), pílula que visa prevenir o HIV, seja banalizada por grupos de comportamento de risco.

Tabela 6 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Políticas Públicas

Enunciadores	Quantitativo
E1	4
E2	2
E5	3
E7	1
E8	3
E9	1

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Dentre os seis textos que encontram-se nessa categoria, em quatro deles há a presença de polifonia, pois possuem mais de um enunciador (ver tabela 7). O (T65) – “Sesau lança campanha para estímulo à testagem rápida de HIV”, é um exemplo de polifonia, pois há a presença de três vozes (do repórter, da Sesau e da Superintendente de Vigilância em Saúde da Sesau) o texto aborda três perspectivas a respeito do universo sobre o HIV/aids. O repórter versa sobre o controle da aids, a Sesau aborda sobre o lançamento da campanha focada no estímulo à testagem rápida para diagnóstico pelo HIV, e a Superintendente aborda além do incentivo a testagem rápida para detecção do vírus, o incentivo à prevenção. Diante disso, têm-se três locutores e três enunciadores.

Um texto que se destacou dos demais por sua forma como foi construído foi o (T64) – “Política de prevenção a HIV não pode ofender as famílias, diz novo ministro”, devido a praticamente todo o texto ter sido produzido baseado no que o médico enunciou. A voz do repórter é pouco perceptível. Não houve o cuidado do repórter de utilizar a modalidade de enunciação nas falas do médico.

Tabela 7 - Tipo de discurso nos textos com tema Políticas Públicas

Discurso	Políticas Públicas
Polifônico	4
Monofônico	2
Total	6

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Os 4 textos da categoria *Sociedade* mostraram que as notícias foram construídas por informações a partir de fontes oficiais como Governo, ONU e Organizador da conferência sobre aids, que somando estas categorias representam 57% das fontes de informação. As fontes não oficiais (Portador do vírus HIV e Outros), o somatório das duas representaram 43% do total (ver tabela 8).

Tabela 8 – Fontes das notícias com tema Sociedade

Fontes	Sociedade	
Outros	2	29%
ONU	2	29%
a) OMS	1	
b) UNAIDS	1	
Organizador da conferência sobre aids	1	14%
Governo	1	14%
a) Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/aids e das Hepatites virais	1	
Portador do vírus HIV	1	14%
Total	7	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Ao analisar os 4 textos há a presença de seis enunciadores (E1, E4, E5, E8, E9 e E10) que construíram os textos da categoria *Sociedade*, porém o E4 foi o mais presente nos textos (ver tabela 9), no qual por esta categoria ser denominada *Sociedade*, a maioria dos textos adquiriram as nuances enunciando a participação da sociedade na luta contra aids.

Tabela 9 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Sociedade

Enunciadores	Quantitativo
E1	1
E4	3
E5	1
E8	1
E9	1
E10	1

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Apesar da presença de várias vozes em alguns textos, houve um empate entre os discursos monofônico e polifônico (ver tabela 10). No (T70) – “Jornalista divulga que tem HIV para 200 mil seguidores, supera preconceito e roda o país dando palestras”, existem duas vozes a do repórter e da portador do vírus HIV que é o jornalista, que enunciam sobre as mesmas perspectivas sobre HIV/aids, o E4 e E5, logo, as vozes se complementam, evidenciando uma monofonia. Já o (T42) – “Príncipe Harry e Elton John anunciam coalizão para tratar homens com HIV”, apresenta três vozes (do repórter, do artista, e da Unaid), entretanto, as duas primeiras vozes se complementam sobre a participação da sociedade na luta contra a aids, já esta última voz, Unaid, trata sobre dados relacionados ao HIV/aids, sendo assim, o texto é considerado polifônico.

Tabela 10 - Tipo de discurso nos textos com tema Sociedade

Discurso	Sociedade
Polifônico	2
Monofônico	2
Total	4

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Os três textos da categoria *Médico-científico* mostraram que em 93% das notícias as fontes consultadas foram as oficiais, contra 7% de fontes não oficiais. Assim sendo, já era conjecturado que nesta categoria houvesse como o maior número dentre as fontes consultadas, o médico (43%), visto que eles possuem autoridade e saber determinado para falarem sobre os assuntos acerca do HIV/aids (ver tabela 11).

Tabela 11 - Fontes das notícias com tema Médico-científico

Fontes	Médico-científico	
Governo Internacional	1	7%
a) Food and Drug Administration (FDA) – Agência responsável pelo monitoramento de remédio nos Estados Unidos	1	
Governo Nacional	3	21,5%
a) Governo do Estado de São Paulo	1	
b) Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/aids e das Hepatites virais do Ministério da Saúde	1	
c) Anvisa	1	
Médico-científico	6	43%
Shenzhen Harmonical Women’s and Children’s Hospital	2	14,5%
a) Representante do hospital		
b) Comissão de Saúde e Planejamento Familiar do Hospital	1 1	
Representante da Southern University of Science and Technology	1	7%
Meios de Comunicação	1	7%
Total	14	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Após a análise dos enunciadores notamos que dois enunciadores foram os mais frequentes nas notícias com a temática *Médico-científico*, o E3 que abordou sobre a busca da cura pela medicina e ciência e o E9 que abordou sobre medicamento para tratamento do HIV (ver tabela 12). Destaca-se o (T29) – “Remédio que previne a aids é aprovado para adolescentes”, pois o texto apresenta cinco vozes (do repórter e demais fontes consultadas) e quatro enunciadores. Uma das fontes (a voz do pesquisador) não é citado o nome, demonstrando um erro na construção da notícia, uma vez que a utilização dos nomes confere verossimilhança e credibilidade à matéria.

Tabela 12 - Quantitativo dos enunciadores nos textos com tema Médico-científico

Enunciadores	Quantitativo
E1	1
E3	2
E5	1
E8	1
E9	2

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Os três textos apresentaram discurso polifônico (ver tabela 13). No (T36) – “Estudo demonstra eficácia de medicamento para HIV ofertado no SUS) chama atenção pois ele é elaborado por meio de três vozes (do repórter e duas fontes oficiais) e apresenta dois enunciadores. O texto aparenta ser monofônico em virtude dos locutores apenas se complementarem sobre o mesmo assunto e a mesma perspectiva relacionada ao medicamento para o HIV, porém essa continuidade rompe-se quando a voz do jornalista enuncia sobre outra perspectiva (a dos dados sobre o HIV/aids), logo o que antes era monofonia tornou-se polifonia.

Tabela 13 - Tipo de discurso nos textos com tema Médico-científico

Discurso	Médico-científico
Polifônico	3
Monofônico	0
Total	3

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Os três textos da temática *Epidemia* denotam que assim como nas demais categorias temáticas as fontes oficiais são as mais consultadas para construção das notícias. O somatório das fontes oficiais nessa temática representou (62,5%), já as fontes não oficiais composta pelo somatório das fontes portador do vírus HIV e Associação Brasileira Interdisciplinar de aids (ABIA) representou (37,5%) (ver tabela 14).

Tabela 14 - Fontes das notícias com tema Epidemia

Fontes	Epidemia	
Governo	4	50%
a) Boletim Epidemiológico	2	
b) Ministro da Saúde	1	
c) Dados do Ministério da Saúde	1	
ONU	1	12,5%
a) Relatório Unaid	1	
Associação Brasileira Interdisciplinar de aids (ABIA)	1	12,5%
Portador do vírus HIV	2	25%
Total	8	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Após o mapeamento das fontes apuramos que, dentro dos textos dessa temática havia sete enunciadores, todavia, um se sobressaiu dos demais, o E8, que esteve presente nos três textos, no qual referiu-se a dados revelados pelo Unaid, Boletim Epidemiológico e dados do Ministério da Saúde relacionados ao HIV/aids. Vale ressaltar que outros dois enunciadores tiveram destaque nos textos, o E1, que versou sobre o controle da aids pelo Poder Público, e o E9, que tratou sobre medicamentos para tratamento do HIV (ver tabela 15).

Tabela 15 - Quantitativo dos Enunciadores nos textos com tema Epidemia

Enunciadores	Quantitativo
E1	2
E2	1
E4	1
E5	1
E7	1
E8	3
E9	2

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

A polifonia esteve presente nos 3 textos (ver tabela 16). No (T35) – “Metas globais para eliminação da aids até 2030 podem não ser cumpridas”, há a presença de três vozes (do repórter, do relatório da Unaid, e da Abia). No entanto, o discurso só tornou-se polifônico a partir da enunciação desta última fonte, que quebrou a complementaridade dos discursos das outras fontes, abordando outra perspectiva, a da cobrança por mais ações de combate à epidemia pelo Poder Público, explanando que o cenário em que a epidemia se encontra é resultado da inércia dos países e governantes no tocante ao desenvolvimento e ações em saúde pública.

Tabela 16 - Tipo de discurso nos textos com tema Epidemia

Discurso	Epidemia
Polifônico	3
Monofônico	0
Total	3

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Apenas um texto compõe a temática *Ética*, e nele encontramos duas fontes, a juíza, fonte oficial, e o portador do vírus HIV, fonte não oficial (ver tabela 17).

Tabela 17 - Fontes das notícias com tema *Ética*

Fontes	Ética	
Juíza	1	50%
Portador do vírus HIV	1	50%
Total	2	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Depois de mapear os locutores encontramos apenas um enunciador, o E6, que tratou sobre a condenação de pessoas que transmitiram o vírus para outros.

Tabela 18 - Quantitativo dos Enunciadores nos textos com tema Ética

Enunciadores	Quantitativo
E6	1

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

No único texto desta categoria, apesar da presença de três locutores (o repórter, a juíza e o portador do vírus HIV), o mesmo apresentou discurso monofônico, pois os locutores enunciaram sob a mesma perspectiva sobre o assunto HIV/aids, configurando-se um enunciador.

Tabela 19 - Tipo de discurso nos textos com tema Ética

Discurso	Ética
Polifônico	0
Monofônico	1
Total	1

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

5.2.1 Síntese

Após a realização da análise fizemos a classificação final das fontes de informação utilizadas nas 17 notícias com foco em HIV/aids, ou seja, as vozes existentes nas notícias. Apuramos um total de 79,5% de fontes oficiais (Governo; Médico-científico; ONU; Outra autoridade; Representante de Hospital, Universidade e Organizador de Conferência). A categoria Governo ficou em primeiro lugar com 39%, sendo, em sua maioria, o governo nacional o mais consultado para as notícias. Das 15 fontes, 3 foram do Boletim Epidemiológico, as demais obtiveram uma quantidade inferior.

Em seguida registramos 18% para a fonte Médico-científico demonstrando a importância desta fonte na construção das notícias, reforçando que esta fonte aparece na enunciação jornalística com uma fala de autoridade, pois ela é regulada pela capacidade de um saber determinado. Já as fontes não oficiais (Portador do vírus HIV, ABIA, Meios de comunicação e Outros) obteve um total de 20,5% (ver tabela 20). Das sete fontes não oficiais, o portador de vírus HIV esteve mais presente nas notícias. Entretanto, há

visivelmente o esquecimento da voz do portador do vírus HIV (10%) na construção das notícias quando comparado com as fontes oficiais.

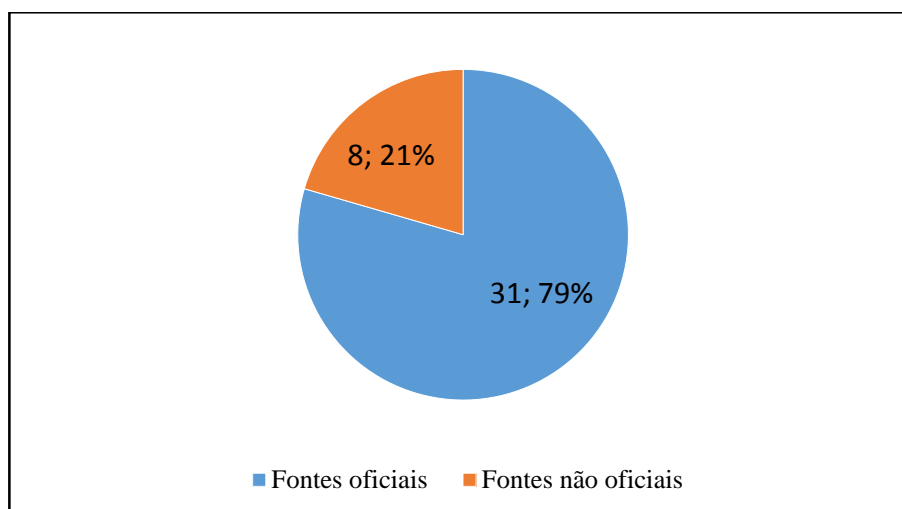
Tabela 20 - Fontes dos textos com foco em HIV/aids

Fontes	Quantitativo	
Governo	15	39%
a) Nacional	13	
b) Internacional	2	
Médico-científico	7	18%
ONU	4	10%
a) OMS	2	
b) Un aids	2	
Representante de Hospital, Universidade, Organizador de Conferência	4	10%
Portador do vírus HIV	4	10%
Outros	2	5,5%
Outra autoridade	1	2,5%
Associação Brasileira Interdisciplinar de aids (ABIA)	1	2,5%
Meios de comunicação	1	2,5%
Total	39	100%

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Ao analisar a frequência com que as fontes oficiais e não oficiais criam seus discursos detectamos uma grande discrepância no quantitativo. Sendo assim, é nítido que as fontes oficiais são as mais consultadas para se construir as notícias, ou seja, há uma dominância (ver gráfico 2).

Gráfico 2 – Fontes dos textos com foco em HIV/aids



Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Os conceitos de locutor e enunciador foram a base para que pudéssemos analisar as vozes presentes nos textos, vozes estas que são produtoras de discursos, e assim observar os movimentos de dominância e silenciamento. Em primeiro lugar, com oito fontes cada, ficaram E1 e E8, revelando a tendência da construção dos textos sobre o HIV/aids no portal TNH1 no ano de 2018 (ver tabela 21). No qual o E1, mais presente na categoria *Políticas Públicas*, abordou o discurso do controle da aids pelo Poder Público por meio de discursos sobre ações, campanhas de prevenção e estímulo a testagem para diagnóstico da infecção pelo HIV, nova estratégia para adesão de crianças ao tratamento do HIV. O E8, pode ser visto em texto das categorias *Epidemia* e *Políticas Públicas*, com o discurso sobre dados relacionados ao HIV/aids.

Em segundo lugar, ficaram E5 e E9, com seis fontes cada. O E5 trata sobre o incentivo à prevenção, está mais presente nos textos da temática *Políticas Públicas*. Já o enunciador E9 verificou-se o discurso sobre medicamento para tratamento do HIV, mais presente nos textos com temática *Epidemia* e *Médico-científico*.

Tabela 21 - Quantitativo dos Enunciadores nos textos com foco em HIV/aids

Enunciadores	Quantitativo
E1	8
E2	3
E3	2
E4	4
E5	6
E6	1
E7	2
E8	8
E9	6
E10	1
Total	41

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

Dos 17 textos com foco analisados registramos que 12 possuem discursos polifônicos, abrangendo assim várias vozes e enunciadores (ver tabela 22).

Tabela 22 - Tipo de discurso nos textos com foco em HIV/aids

Discurso	Textos com foco em HIV/aids
Polifônico	12
Monofônico	5
Total	17

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

5.3 Adendo da análise

No decorrer dessas análises observamos alguns pontos que são pertinentes observá-los e deixá-los registrados nesta pesquisa. Ao verificar os autores dos 17 textos com foco em HIV/aids, 11 estão sem identificação do autor e seis estão identificados como textos oriundos de outros locais (Veja.com, Ministério da Saúde, Agência Brasil,

Agência Alagoas, Folhapress e Assessoria de comunicação). Inferimos que os textos sem autor, não se sabe ao certo se foram redigidos pelo portal TNH1 ou outro veículo de comunicação levantou assim, o questionamento sobre a relevância da produção das notícias sobre HIV/aids serem produzidas pelos repórteres do próprio portal TNH1.

Ao compararmos os meses do ano de 2018 com a frequência das notícias com foco e sem foco obtivemos um dado interessante (ver tabela 23). Em todos os meses estiveram presentes as notícias sem foco, porém, nos 12 meses apenas cinco meses as notícias com foco em HIV/aids estiveram presentes no portal TNH, revelando assim, diante da epidemia em que se encontra o HIV/aids, que o portal não optou por dar relevância a esse tema. Observamos que inclusive no mês de Dezembro, mês de luta contra a aids, no qual esperava-se um grande volume de notícias com foco sobre o tema, registramos um número tímido (4 notícias) diante da frequência das notícias sem foco. Assim sendo, o portal TNH1 não contemplou de maneira abrangente a temática do HIV/aids.

Tabela 23 - Comparativo dos meses do ano de 2018 das notícias com foco e notícias sem foco em HIV/aids

Mês	Notícias com foco	Notícias sem foco
Janeiro	0	9
Fevereiro	1	2
Março	0	5
Abril	0	6
Mai	0	4
Junho	2	4
Julho	2	6
Agosto	0	3
Setembro	0	3
Outubro	0	2
Novembro	4	6
Dezembro	4	9
Total	17	59

Fonte: Dados elaborados pela autora a partir das notícias do Portal TNH1, 2018

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do sentido da aids se deu através das mídias por meio das notícias, transformando dados científicos em notícias em que a sociedade pudesse compreender, ou seja, a mídia exerceu um papel fundamental na construção da imagem da doença. De início o preconceito, o pânico da contaminação e discriminação dominaram as manchetes dos jornais e deixaram toda sociedade assustada, entretanto, no decorrer dos anos tudo isso foi sendo amenizado conforme mais dados e informações foram surgindo e sendo relatados através das notícias para a sociedade.

Com a chegada de novos remédios e tratamentos, disponibilizados pelo SUS, possibilitou-se o aumento significativo da qualidade de vida dos portadores do vírus, e consequentemente, reduzindo os casos de óbitos. A nova realidade do perfil de pessoas portadoras do vírus HIV, que outrora, eram homossexuais mas, hoje, a realidade é outra, o maior número está entre os heterossexuais, segundo dados do Sinan. Toda essa mudança traz consigo novas nuances para a construção da aids no discurso jornalístico.

A publicação das notícias influenciou e continua influenciando a opinião pública, e quando se fala de aids, se estabelece uma reação do Estado e da sociedade perante a doença. Como foi visto ao longo desta pesquisa, os jornais com suas estratégias no tocante a construção das notícias possuem suas limitações referentes à rotina produtiva e os interesses políticos e econômicos para gerar o debate sobre a aids. A relação entre os jornalistas e as fontes de informação é decisiva no processo de construção da notícia sobre a aids, pois apenas as diversas de vozes existentes nas notícias podem colaborar para que se construa, de forma mais exata, a realidade desta doença. Em vista disso, o mapeamento das fontes de informação tornou-se algo essencial para compreender como os textos jornalísticos são construídos, desde as informações colhidas das fontes que são, posteriormente, processadas e enquadradas até chegarem à sociedade.

Como já explanado, as fontes oficiais são as mais procuradas pelos jornalistas, porque possuem credibilidade e são legitimadas de poder. Nesta pesquisa realizamos o mapeamento das fontes de informação utilizadas pelo portal TNH1 durante o ano de 2018, através deste mapeamento das fontes de informação aferimos as vozes dominantes no discurso sobre a aids, baseando-se nos conceitos de locutor e enunciador de Oswald Ducrot. Vale ressaltar que o mapeamento das fontes de informação só foi possível porque anteriormente foi realizada a análise dos temas presentes nas notícias sobre o HIV/aids, pois é por meio do assunto deliberado que o jornalista buscar o contato com as fontes.

As 59 notícias do Portal TNH1 sem foco em HIV/aids, porém mencionaram a doença em algum momento. A aids foi tratada com assuntos ligados à sociedade, com enfoque sobre direitos sociais, violência, população carcerária e famosos em 47,5% dos textos. Já quando a aids foi mencionada no contexto das políticas públicas em 22% das notícias, a doença foi inserida na questão da saúde cobrando ao governo investimento para uma assistência médica digna. As notícias também mantiveram o foco em campanhas, que não eram diretamente com foco em HIV/aids, mas em outra temática como câncer; os perigos do trânsito e a doação de sangue. No portal TNH1, ainda nas notícias sem foco em HIV/aids, o mapeamento dos temas revelou que a temática sobre médico-científico alcançou apenas 7% das notícias abordando dados científicos e medicamentos. Desta forma, foi compreendido que a(s) palavra(s) aids, HIV, e /ou soropositivo foram mencionadas nessas 59 notícias não como assunto principal, mas sim como secundário.

Por meio do mapeamento dos temas, os 17 textos com foco em HIV/aids revelaram que 35,5% das notícias o poder público abordou o tema da doença com enfoque na prevenção do HIV por meio de campanhas e ações incentivando as pessoas a realizar o teste rápido para detecção do vírus HIV. Na temática sociedade, 23,5% dos textos, a aids teve contexto da discriminação; famosos se unindo para o combate à aids, além de evento no qual o Brasil contou sua experiência em saúde referente a aids. Já na temática Médico-científico e a Epidemia ambas alcançaram 17,5%, a primeira trouxe a abordagem sobre a medicação para o tratamento do HIV/aids, e na segunda fora enfatizado dados epidemiológicos acerca do HIV/aids.

Conforme concluímos a análise individualmente de cada categoria temática notávamos que, dentro de cada temática havia um enunciador predominante que distinguiu-se das demais categorias temáticas. Ao adentrarmos nos textos com temática sobre *Políticas Públicas* a enunciação que pode ser vista foi (E1) sobre o controle da aids pelo Poder Público. Na categoria *Sociedade*, o enunciador predominante foi (E4) na qual falou-se sobre a participação da sociedade na luta contra a aids. Quando analisada a categoria *Médico-científico* notamos o domínio de dois enunciadores (E3 e E9); o primeiro enunciou sobre a busca da cura pela medicina e ciência, já o segundo sobre o medicamento para tratamento e/ou prevenção do HIV.

Na categoria *Epidemia* ficou evidente o predomínio do enunciador (E8), que apontou dados relacionados ao HIV/aids. O somatório de todos os enunciadores presentes nos 17 textos com foco em HIV/aids, independentemente de serem dominantes ou não,

revelou um empate para os enunciadores (E1 e E8), logo, afirmamos que no período de 2018 as notícias sobre o HIV/aids em sua maioria, abordaram, respectivamente, sobre o controle da aids pelo Poder Público e os dados epidemiológicos sobre o HIV/aids.

A partir da classificação dos enunciadores analisamos se o texto é polifônico ou monofônico. Ao somar os 17 textos com foco em HIV/aids concluímos que 12 textos são polifônicos e cinco são monofônicos. Isto demonstra que, em sua maioria, a construção do discurso sobre o HIV/aids os temas e o cruzamento de enunciadores caracterizaram uma pluralidade de vozes presentes nos textos.

Ao final do mapeamento das vozes atuantes nas 17 notícias com foco em HIV/aids ficou evidente que as vozes oficiais possuem maior espaço e são mais procuradas para construção das notícias, logo, estas vozes dominantes são as detentoras do discurso crítico. Com a classificação das fontes em oficiais e não oficiais ficou nítido o domínio de fontes oficiais, ou seja, ao somar todas as fontes consultadas no quadro das 17 notícias, 79,5% das fontes consultadas foram fontes oficiais e apenas 20,5% de fontes não oficiais. Em todas as temáticas notamos que pouco se dava abertura para as vozes não oficiais. Na temática *Políticas Públicas* 100% das fontes consultadas foram as fontes oficiais. Nas demais categorias ainda foi possível visualizar um espaço bem tímido para as vozes não oficiais. O único equilíbrio entre as vozes observamos na categoria *Ética* com 50% para ambas as vozes. Isto demonstra e reafirma que as fontes oficiais possuem mais espaço nas mídias e, conseqüentemente, as vozes não oficiais caem no esquecimento.

Entretanto, vale lembrar que uma notícia é construída baseada em vozes, e essas vozes deveriam abranger um todo e não apenas uma parte. Em todas as categorias poderia haver mais espaço para as vozes não oficiais, entretanto, foi visto o domínio da voz oficial, ela é a detentora do espaço noticioso. Comprovando assim, que os portadores de HIV não são tratados como sujeitos no discurso sobre a aids, mas sim como objetos deste discurso, uma vez que fala-se sobre o HIV/aids, porém não se visualiza a presença da voz do portador de HIV. Constatamos que a produção de sentido sobre o HIV/aids na perspectiva dos portadores de HIV é uma batalha, pois o mesmo é silenciado e excluído na construção das notícias.

É preciso reconhecer que as fontes não oficiais possuem também um papel relevante na tarefa de produção de sentido sobre a aids. Sem essa interação entre fontes oficiais e não oficiais não teria o chamado “discurso da aids”, logo, é necessário um equilíbrio das vozes que cerceiam este discurso, possibilitando que o processo de construção das notícias utilize as diferentes modalidades de discurso, deem voz a todos e

a sociedade veja corporificada a questão da aids. Em se tratando do adendo desta análise é pertinente registrar que quando se fala em aids o montante de notícias, no ano de 2018, em sua maioria, não contempla o foco em HIV/aids, inclusive no mês de dezembro, que é dedicado para o combate a aids, o portal TNH1 apresentou textos sem foco nessa temática. Levantamos um questionamento também sobre quem produz as notícias, uma vez que o próprio portal de notícias possui um corpo de jornalistas, entretanto, em sua maioria, não foram eles os produtores das notícias analisadas, pois ficou a cargo de outros portais.

Diante de todas as análises realizadas, os profissionais de comunicação estão perante um desafio: abordar as temáticas do HIV/aids de uma forma abrangente, ou seja, com maior diversidade de fontes, e que haja maior contextualização e abordagem mais crítica. Desta forma, a imprensa torna-se uma aliada na luta contra a aids. A realidade dessa doença mudou. Hoje, as pessoas vivem mais tempo e essa mudança ainda não é perceptível nas notícias. Se utilizassem a voz do portador de HIV haveria no discurso jornalístico uma nova visão da doença, assim como o maior combate à discriminação.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ufrgs, 1998.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 1998.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico HIV/Aids**. Brasília, DF, v. 49, n. 53, 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/novembro/29/Boletim-Ist-Aids-2019-especial-web.pdf> Acesso em: 26 set. 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DARDE, Vicente William da Silva. *As vozes da aids na imprensa: um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de São Paulo e O Globo*. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6399> Acesso em: 18 fev. 2019.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- GAMA, Ruhani Maia; DADALTO, Maria Cristina. **A notícia como construção no universo jornalístico**. 2009. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/velha-dadalto-gama-noticia-como-construcao-social.pdf> Acesso em: 01 dez. 2019.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Polifonia e transmissão do discurso alheio no gênero reportagem. **Estudos linguísticos**, v. 34, p. 1164-1169, 2005. Disponível em <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica->

estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/polifonia-e-transmissao-do-discurso-849.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c> Acesso em: 16 nov. 2019.

HERZLICH, Claudine; PIERRET, Janine. 2005. Uma doença no espaço público: a AIDS em seis jornais franceses. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, v. 2, n. 1, p. 7-35, 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a05.pdf>> Acesso em: 18 maio 2019.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. **O vírus da aids, 20 anos depois**. Disponível em: <<http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>> Acesso em: 12 nov. 2019.

LIMA, Nonato. A Aids e outras falas: uma reflexão sobre metáforas e neologismos relacionados com doenças. **Revista de Letras**, v. 1, n. 22, p. 94-102, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2180>> Acesso em: 22 maio 2019.

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília: Compós, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf> Acesso em: 23 nov. 2019.

MORAES, Augusto Drumond. **Comunicação, discurso e identidade: a construção da identidade capixaba nos jornais A Gazeta e A Tribuna**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp023214.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2007.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. Introdução à análise do discurso. 2. ed. São Paulo: Hacker editores, 2002.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Estudos Semióticos**, São Paulo, SP, v. 6, n. 2, p. 66-76, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49272>> Acesso em: 15 nov. 2019.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. Dialogismo ou Polifonia? **Revista de Ciências Humanas**, Taubaté, v. 9, n. 1, p. 45-54, 2003. Disponível em:<<https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2019.

Relatório Unaid mostra que existem 36,9 milhões de pessoas no mundo vivendo com HIV, **Agência Aids**. Disponível em: < <http://agenciaaids.com.br/noticia/relatorio-unaid-mostre-que-existem-369-milhoes-de-pessoas-no-mundo-vivendo-com-hiv/>> Acesso em: 12 nov. 2019.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 06 fev. 2020.

SOUSA, Petra Kelly Rabelo de; MIRANDA, Karla Corrêa Lima; FRANCO, Amanda Carneiro. Vulnerabilidade: análise do conceito na prática do enfermeiro em ambulatório de HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 2, p. 381-384, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n2/a26v64n2.pdf>> Acesso em: 26 mai. 2019.

SONTAG, Susan. **Aids & suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WHITE, David Manning. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: Nelson Traquina (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - TEXTOS ANALISADOS

TNH1 - Matérias sem foco em HIV/aids

- T01 – “OMS alerta para elevado índice de resistência aos antibióticos”
- T02 – “Vacina contra a febre amarela deve ser aplicada dez dias antes da viagem”
- T03 – “São Paulo tem três mortes por reação à vacina da febre amarela”
- T04 – “Polícia procura homem suspeito de estuprar filha e infectá-la com o vírus HIV”
- T05 – “Viajantes internacionais devem tomar dose padrão da vacina contra a febre amarela”
- T06 – “Vítima da aids, cartunista Henfil faleceu há 30 anos”
- T07 – “MP quer reduzir idade para saque do PIS/Pasep entra em vigor neste sábado”
- T08 – “Saúde pública de Alagoas tem investimento histórico em 2017
- T09 – “Hemoal e Hemoar promovem campanha de doação de sangue para o Carnaval”
- T10 – “Como e quando falar sobre sexualidade com as crianças”
- T12 – “Justiça determina que Sesau e Uncisal providenciem o abastecimento do Helvio Auto de forma ininterrupta”
- T13 – “Tuberculose: uma doença tão antiga ainda assola o Brasil?”
- T14 – “Rua fechada recebe programação especial do mês da mulher”
- T15 – “Vida Nova nas grotas tem mais 200 ações programadas para 2018”
- T16 – “Vídeo: conheça a dura realidade dos agentes penitenciários em Alagoas”
- T17 – “ ‘Pessoas se mobilizam contra AIDS ou câncer, mas não pela falta de água’, diz Matt Damon”
- T18 – “Projetos para ampliar saques do FGTS podem gerar rombo de R\$40 bi, diz superintendente da Caixa”
- T19 – “Após reforma, 41 mil sacaram FGTS em acordo de demissão com empresa”
- T20 – “Tribunal europeu de direitos humanos suspende extradição de Schmidt ao Brasil”
- T21 – “O acessório da noite do baile de gala: as muletas”
- T22 – “Terapia caseira antiautismo traz riscos”
- T23 – “David Uip: Fake news também são um problema de saúde pública”
- T24 – “Gestantes e bebês: investimentos derrubam mortalidade infantil em Alagoas
- T25 – “Brasil investiga riscos de remédio que pode alterar feto na gravidez
- T26 – “Evento discute inovação em Alagoas por meio de tecnologia”

- T27 – “Maio Amarelo: HGE e Samu realizam ação na orla de Maceió no domingo”
- T28 – “Sobe o número de feridos por agulhas no São João de Campina Grande”
- T31 – “População carcerária quase dobrou em dez anos”
- T32 – “Hemoal e Hemoar promovem ‘Campanha Torcer está no Sangue’”
- T33 – “Conscientização política marca 22ª edição da Parada LGBT em São Paulo
- T34 – “Hepatite: o número de infecções não param de crescer”
- T37 – “Quais são mitos de saúde espalhados pelas redes sociais?”
- T40 – “Mandela 100 anos: mundo relembra um dos maiores líderes do século 20”
- T41 – “Doença sexualmente transmissível se alastra e assusta médicos por resistência a antibióticos
- T43 – “São João de Campina Grande termina com 61 pessoas vítimas de agulhadas”
- T45 – “Casa de caridade de Madre Teresa de Calcutá é acusada de vender bebês”
- T46 – “Cresce a sífilis ocular no Brasil”
- T47 – “Policia argentina amamenta bebê que chorava em hospital”
- T48 – “Ator de ‘Guardiões’ diz que só fará terceiro filme por obrigação”
- T49 – “Milhões de pessoas têm vírus da hepatite sem saber; saiba como reconhecer
- T50 – “Mais de 380 mil de adolescentes devem se vacinar contra o HPV em Alagoas”
- T51 – “Álcool é responsável por uma morte a cada 20 no mundo”
- T52 – “Maceió Rosa: campanha leva ações de conscientização ao Centro”
- T53 – “Postos de Maceió terão mutirão de serviços contra câncer de mama neste sábado”
- T54 – “Refugiada transgênero é espancada em cela e morre nos EUA”
- T55 – “Medicamento para HIV pode ser alternativa para tratar Alzheimer”
- T59 – “São Paulo inicia vacinação contra febre amarela”
- T61 – “Realidade x ficção: 8 fatos da vida real que mudaram no filme ‘Bohemian Rhapsody’”
- T62 – “Homem soropositivo é preso suspeito de estuprar as enteadas”
- T63 – “Ariana Grande é eleita a Mulher do Ano pela Billboard por seu talento e ativismo social”
- T66 – “Erro de funcionários pode ter exposto quase 4 mil pacientes a HIV e hepatite nos EUA”
- T68 – “Doentes graves e presos podem sacar FGTS de conta inativa até sexta-feira”
- T69 – “Brasileiros poderão receber apoio para financiamento de estudos em pesquisas biomédicas”

T71 – “Humanismo e dedicação: infectologista faz diferença ao atender 3 vezes mais pacientes do que deveria”

T72 – “OMS irá discutir e definir regras para a edição de genes”

T73 – “Cientista chinês que diz ter criado ‘supercrianças’ está desaparecido”

T74 – “Domingo Espetacular: estreia de série sobre as maiores máfias do mundo”

T75 – “Estoque de sangue do Hemoal para o feriadão é insuficiente; veja como doar”

T76 – “Cirurgias espirituais têm vácuo legal e ocorrem sem aval sanitário e fiscalização”

TNH1 – Matérias com foco em HIV/aids

T11 – “Ministério da Saúde alerta folião para o uso da camisinha no Carnaval”

T29 – “Remédio que previne a Aids é aprovado para adolescentes”

T30 – “Homem é condenado por infectar mulheres com vírus da aids”

T35 – “Metas globais para eliminação da aids até 2030 podem não ser cumpridas”

T36 – “Estudo demonstra eficácia de medicamento para HIV ofertado no SUS”

T38 – “OMS: epidemia de aids não terá fim sem ações direcionadas”

T39 – “Experiência em saúde no Brasil é destaque em conferência sobre Aids”

T42 – “Príncipe Harry e Elton John anunciam coalizão para tratar homens com HIV”

T44 – “Elton John critica Rússia e Leste Europeu por discriminar gays”

T56 – “Alagoas está entre os estados com redução de óbitos por AIDS”

T57 – “Aids: casos e óbitos caem 16% nos últimos quatro anos no Brasil”

T58 – “Chinês alega ter criado bebês geneticamente modificados”

T60 – “França lança medida curiosa para combater a aids”

T64 – “Política de prevenção a HIV não pode ofender as famílias, diz novo ministro”

T65 – “Sesau lança campanha para estímulo à testagem rápida de HIV”

T67 – “Universo lúdico estimula adesão de crianças ao tratamento do HIV/AIDS”

T70 – “Jornalista divulga que tem HIV para 200 mil seguidores, supera preconceitos e roda o país dando palestras”